

Anexo 2.2.4.6-1 - Diagnóstico Arqueológico

PROJETO LT 500KV GILBUÉS II – OUROLÂNDIA II



DIAGNÓSTICO ARQUEOLÓGICO PRELIMINAR

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAS	3
2. CONTEXTO HISTÓRICO E ETNOHISTÓRICO	3
3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO	10
4. INFERÊNCIAS A PARTIR DOS DADOS AMBIENTAIS DISPONÍVEIS	24
5. EQUIPE TÉCNICA	38
6. BIBLIOGRAFIA	38

LINHA DE TRANSMISSÃO 500KV GILBUÉS II - OUROLÂNDIA II

DIAGNÓSTICO ARQUEOLÓGICO PRELIMINAR¹

1. CONSIDERAÇÕES INICIAS

Apresentamos aqui o diagnóstico arqueológico preliminar do projeto **LT 500kV Gilbués II – Ourolândia II** que compreende as seguintes linhas de transmissão: *LT 500kV LT 500 kV Gilbués II - Gentio do Ouro II/LT 230 kV Gentio do Ouro II - Brotas de Macaúbas / LT 500 kV Gentio do Ouro II - Ourolândia / LT 500 kV Ourolândia - Morro do Chapéu II / Seccionamento da LT 230 kV Senhor do Bonfim - Irecê e Subestações (SEs) Associadas* realizado com base nos dados secundários disponíveis na literatura arqueológica, etnohistórica e etnográfica.

Este diagnóstico tem como objetivo uma primeira concepção do potencial arqueológico da área do empreendimento, o qual será complementado com dados de campo que será gerado através do projeto de Avaliação de Potencial de Impacto ao Patrimônio Arqueológico da área de Implantação do Empreendimento *Linha de Transmissão 500KV GILBUÉS II - OUROLÂNDIA II*, o qual será protocolado junto ao IPHAN para obtenção de autorização para realização dos trabalhos de campo.

O diagnóstico da Área Diretamente Afetada (ADA) depende essencialmente das pesquisas de campo, uma vez que implica necessariamente em intervenções no solo, o que não pode ser realizado sem a obrigatória Portaria de Permissão de Pesquisas, pois podem interferir em sítios arqueológicos, considerados bens da União, conforme Art. 20 da Constituição da República Federativa do Brasil.

2. CONTEXTO HISTÓRICO E ETNOHISTÓRICO

Com relação às décadas iniciais do povoamento do sertão baiano e piauiense nos séculos XVI e XVII, Bruno (1971, c.3, p.17) relata que a Bahia, a primeira região conhecida e habitada por portugueses no Novo Mundo, “pouco se deixou marcar pelos traços da cultura europeia até à criação do governo geral da América Portuguesa em 1549”. Ao relatar as primeiras expedições para o interior determinadas pelo Governador Geral Tomé de Sousa,

¹ O presente diagnóstico será complementado e apresentado em versão final após a publicação da portaria de permissão de pesquisas pelo Iphan, quando será possível executar os trabalhos de campo.

destaca o autor que, “partindo das margens do Rio Real, em 1595 ou 1596, um neto de Caramuru – Belchior Dias Moréia – chefiou uma expedição que beirando o Rio Itapicuru mergulhou no sertão, aí permanecendo pelo decurso de oito anos” (BRUNO, 1971, c.3, p.37).

No entanto, até 1640, a ocupação da região se limitou praticamente à zona costeira, não chegando a quinze as povoações. Foi a partir de meados do século XVII, sempre segundo o mesmo autor, que o povoamento se adensou em escala notável, atingindo as zonas afastadas da costa. “O primeiro fator – por ordem cronológica – dessa expansão foi a busca de novas terras para a criação de gado, indústria cujos produtos eram necessários ao trabalho dos engenhos, ao transporte das caixas de açúcar e à alimentação da crescente população das áreas de beira-mar” (BRUNO, 1971, c.3, p.54). Continua o autor, mencionando que, embora em escala muito mais reduzida, outro fator que na sequência contribuiu para a expansão do povoamento no interior baiano foi a doação de terras a sertanistas recrutados, na segunda metade do século XVII, para combater os nativos que se revoltaram com os colonizadores que invadiram suas terras. Tais revoltas ficaram conhecidas como a “Guerra dos Bárbaros” (Puntoni, 2000), uma série de ações armadas contra os indígenas da região, que vai durar até o século seguinte. Dessas ações, participaram os criadores de gado, por um lado, e os bandeirantes paulistas, por outro.

A consequência desses conflitos foi o esvaziamento do sertão de seus primitivos habitantes, o que pode ser observado no Mapa Etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, elaborado por Curt Nimuendajú em 1944 (IBGE, 1981), onde a área onde será implantado o empreendimento e todo o seu entorno aparece como um vazio no que concerne à ocupação indígena (Figura 2.1), vazio esse, como reitera Melatti (2015 – disponível em: <http://www.juliomelatti.pro.br/areas/30nordeste.pdf>), decorre da conquista do interior do Nordeste. A exceção é o sudoeste do estado do Piauí, onde o autor assinala a existência de grupos Xacriabá, pertencentes ao grupo linguístico Gê, que também sofreram dispersão em direção à Minas Gerais devido à ação de bandeirantes e criadores de gado, desde o século XVII. Este grupo também foi alvo de aldeamento por parte de religiosos da Companhia de Jesus.

O contexto de dispersão dos indígenas que ocupavam o sertão das Jacobinas, após a “Guerra dos Bárbaros” foi objeto de interessante discussão por Santos no II Encontro de Novos Pesquisadores em História, ocorrido em 2010 em Salvador, o qual se encontra disponível

em http://www.pppgh.ufba.br/IMG/pdf/DIASPORA_INDIGENA_NO_SERTAO_DAS_JACOBINAS_1673-1706_Solon_Natalicio_dos_Santos_.pdf.

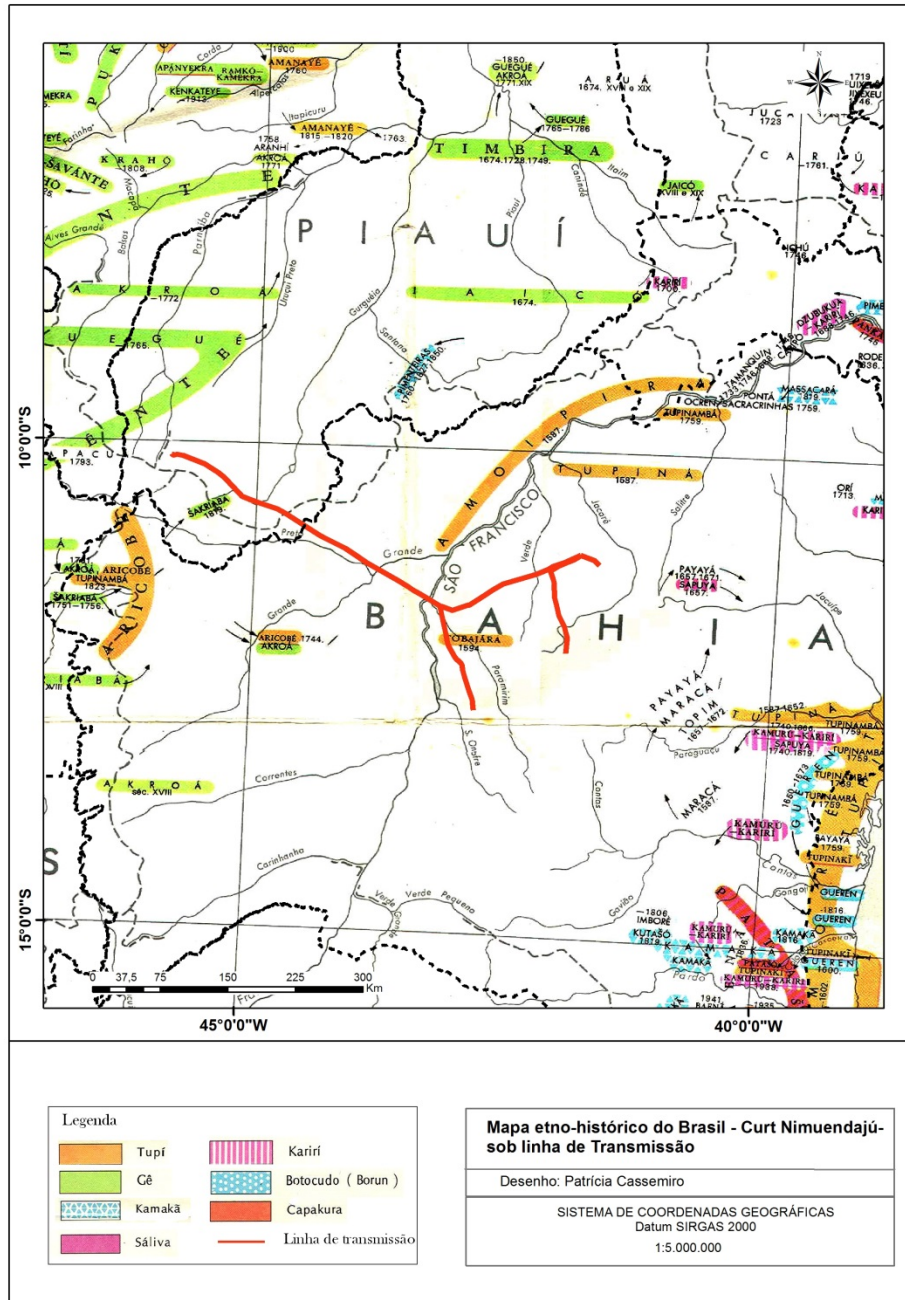


Figura 2.1. Grupos indígenas documentados na região do empreendimento, segundo o Mapa Etnohistórico de Curt Nimuendajú (IBGE, 1981).

Santos (2010), em sua tese de Doutorado, denomina de sertão baiano a extensa região que, no período entre 1650-1740, abarcava o conjunto espacial constituído pelo interior da capitania da Bahia, Piauí, norte do atual estado de Minas Gerais e margem esquerda do médio São Francisco. Segundo este autor:

A pressão das frentes de expansão luso-brasileira no sertão nordeste foi suficientemente forte para provocar movimentos migratórios mais intensos, duradouros e decisivos do que as migrações sazonais dos povos não

sedentários. A fuga para o ‘mais interior do sertão’ – expressão empregada em documentos seiscentistas – pode ter figurado como a alternativa possível ao descimento e à escravização. Do ponto de vista desses povos, uma dramática coincidência se impôs entre o meio que habitavam e a necessidade de expansão econômica luso-brasileira: os terrenos de caatinga e cerrado eram, em razão da topografia relativamente plana, da vegetação arbustiva e da ausência de matas fechadas os mais propícios às pastagens que formariam a ‘zona de criação’ (SANTOS, 2010, p.52).

Este processo, iniciado após a expulsão dos holandeses do Nordeste, seguiu o projeto de interiorização formulado pela Metrópole portuguesa, quando se incentivou no sertão nordestino a expansão da pecuária, expedições em busca de metais preciosos e de mão-de-obra indígena (os denominados “negros da terra”) e a instalação de missões religiosas.

O sertão das Jacobinas, região situada no centro da Capitania da Bahia, atual Piemonte da Chapada Diamantina, limitada no sentido N/S entre os rios Itapicuru Açu e Paraguaçu, e W/E entre o Médio São Francisco e o Recôncavo baiano, serviu como cenário para o movimento de ocupação e povoamento de variados agentes colonizadores (exploradores, curraleiros, missionários, soldados, autoridades), mas também para o despovoamento de diversas etnias indígenas (payayá, sapolá, tocos, moritises e os maracás) (SANTOS, 2008, s/p.).

O movimento mencionado acima não foi recebido passivamente pelos indígenas da região, resultando na já mencionada “Guerra dos Bárbaros”, motivo pelo qual o Governador Geral do Brasil solicitou auxílio aos bandeirantes paulistas, habituados à pregação de nativos. As guerras contra os tapuias (os não tupis que habitavam o sertão nordestino) foram, segundo Hemming (1978), as menos registradas nos documentos históricos, estando restritas a alguns papéis oficiais. Inexistem relatos ou crônicas com a etnologia dos grupos indígenas agrupados sob a denominação geral de “tapuia”. Segundo Santos (2009), a falta de documentação sobre esse processo muito provavelmente decorre exatamente de seu caráter exclusivamente privado (de responsabilidade dos bandeirantes vicentinos).

Segundo Bruno (1971), houve uma ampliação do comércio terrestre com os novos caminhos abertos à medida que se povoavam os sertões ocidentais, o que resultou na perda de importância do primitivo caminho do Rio São Francisco (até então a rota mais importante seguida pelos colonizadores), com os currais começando a estender-se pelas terras de rio acima. Estabiliza-se, nesta etapa, a estrutura social com uma hierarquia

(...) em cuja base estava a grande massa de cativos (negros africanos ou bugres da terra), seguida de uma classe de homens livres sem recursos (feitores, mestres, artifices, vaqueiros), de outra composta de proprietários rurais modestos (lavradores de mantimentos e donos ou reideiros de pequenos currais de criação) e completada pela camada restrita dos abastados senhores de engenho, a que se juntavam então os privilegiados donos do sertão (BRUNO, 1971, c.3, p.64-65).

Quase todas as boiadas vindas do Piauí, de Pernambuco, da Barra de Iguaçu, Parnaguá e Rio Preto iam, conforme Antonil (1992), para a Bahia, sendo considerado o melhor caminho o das Jacobinas, por onde passavam e descansavam.

Aos nativos do sertão, derrotados na já mencionada “Guerra dos Bárbaros”, restou apenas, conforme os escassos documentos da época, a fuga para áreas mais remotas, desertas e de difícil acesso do sertão, tais como topos de serras, com matas fechadas e poucas fontes de alimentos, o que, por sua vez, exigia populações menores, maior mobilidade e cultura material menos densa, fatores que tem implicação direta na visibilidade arqueológica dos locais que lhes serviram de assentamento durante o período mencionado.

Quanto aos negros escravos, Vieira Filho (2006) comenta que documentos do século XVII referem-se inúmeras vezes à estruturação de quilombos na região da Jacobina, como consequência das fugas de escravos ansiosos por se livrar do duro regime a que estavam sujeitos, mencionando o autor haver farta documentação da aceitação desses fugitivos pelos indígenas que então habitavam o sertão.

Releituras e análises mais recentes realizadas por pesquisadores cujos estudos se centraram na problemática do sertão nordestino em geral, e baiano em particular, realizadas no decorrer do Séc. XXI levaram à sistematização e interpretação de dados históricos que enriqueceram e desvendaram aspectos até então pouco claros da etnohistória regional [ver a respeito Andrade (2013); Conceição (2013); Neves; Antonieta (Org.) (2013); Santos, M.A.R. (2009; 2010); Santos, S.N.A. (2006; 2008; 2009)], permitindo uma visão mais dinâmica dos acontecimentos que levaram ao esvaziamento territorial documentado por Nimuendajú (Figura 2.1) e uma melhor problematização dos eventos e processos ocorridos no sertão baiano durante o período colonial.

Quanto aos indígenas registrados anteriormente aos eventos acima mencionados, dentre as poucas descrições sobre as populações registradas no Mapa de Nimuendajú (Figura 2.1), está a de Gabriel Soares de Sousa, no século XVI (SOUSA, 1971). Sobre os *tupinaés*, diz o autor:

Tupinaés são uma gente do Brasil semelhante no parecer, vida e costumes dos tupinambá e na linguagem (...) pelo nome tão semelhantes destas duas castas de gentio se parece bem claro que antigamente foi esta gente toda uma, como dizem os índios antigos desta nação (...). Os quais tupinaés nos tempos antigos viveram ao longo do mar, como fica dito no título dos tupinambás, que os lançaram dele para o sertão, onde agora vivem, e terão ocupado uma corda de terra de mais de duzentas léguas; mas ficam entressachados com eles, em algumas partes, alguns tapuias, com quem têm também contínua guerra (SOUSA, 1971, p.333).

(...) traz esse gentio os beijos furados e pedras neles e no rosto, como os tupinambás; (...) e quando se enfeitam o fazem na forma dos tupinambás, e trazem ao pescoço colares de dentes dos contrários como eles, e na guerra usam dos mesmo tambores, trombetas, buzinas que costumam trazer os tupinambás” (...) “Quando este gentio anda algum caminho, ou se acha em parte onde lhe falta foro, esfregando um pau riço que para isso trazem com flechas fendidas, fazem acender esfregando muito com as mãos até que se levanta labareda; o qual logo pega nas flechas, e desta maneira se remedeiam (SOUSA, 1971, p.334).

Sobre os *payayás* e *maracás* (tapuias da Bahia, Figura 2.2 e Figura 2.3), diz o mesmo autor:

Como os tapuias são tantos e estão tão divididos em bandos, costumes e linguagem, para se poder dizer deles muito, era necessário de propósito e devagar tomar grandes informações de suas divisões, vida e costumes; mas, pois ao presente não é possível, trataremos de dizer dos que vizinham com a Bahia” (...). “São estes tapuias grandes flecheiros, assim para a caça como para seus contrários, e são muito ligeiros e grandes corredores, e grandes homens de pelejarem em campo descoberto” (...). “São estes tapuias muito folgazões, e não trabalham nas roças, como os tupinambás, nem plantam mandioca, nem comem senão legumes, que lhes as mulheres plantam, e granjeiam em terras sem mato grande, a que põem o fogo para fazerem suas sementeiras; os homens ocupam-se em caçar, a que são muito afeiçãoados (SOUSA, 1971, p.339).

Estes tapuias (...) trazem os beijos debaixo furados, e neles umas pedras verdes roliças e compridas, que lavram devagar, roçando-as com outras pedras tanto até que as aperfeiçoam à sua vontade. Não pescam estes índios nos rios à linha (...); mas, para matarem peixe, colhem uns ramos de umas ervas como vides, mas muito compridos e brandos, e tecem-nos como rêde, os quais deitam no rio, e tampam-no de uma parte à outra; e uns têm mão nesta rêde e outros batem a água em cima, de onde o peixe foge e vem-se descendo até dar nela, onde se ajuntam; e tomas às mãos o pequeno peixe, e o grande matam às flechadas” (...) “Costumam estes tapuias, para fazerem sal, queimarem uma serra de salitre, que está entre eles, de onde tomam aquela cinza; e a terra queimada, lançam-na na água do rio em vasilhas, a qual fica logo salgada, e põem-na ao fogo, onde a cozem, onde a cozem e ferve tanto até que se coalha, e fica feito o sal em um pão; e com este sal temperam seus manjares (SOUSA, 1971, p.341).

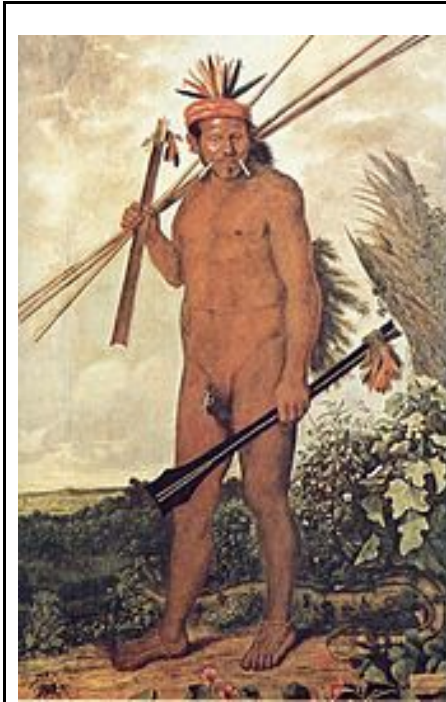


Figura 2.2. Guerreiro Tapuya.



Figura 2.3. Dança Tapuya.

Pinturas de Albert Eckhout (século XVII), feitas durante missão artística promovida por Maurício de Nassau, durante o domínio holandês no Nordeste do Brasil. Fonte:

<http://www.institutoricardobrennand.org.br/pinacoteca/eckhout/>

3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Nos municípios da área de estudo (Figura 3.1), compreendendo os estados da Bahia e Piauí, foram contabilizados 163 sítios arqueológicos e 13 sítios paleontológicos, constantes do Sistema de Gestão do Patrimônio Arqueológico-SGPA do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sendo 140 registrados em 10 municípios do estado da Bahia e 23 registrados em 4 municípios do estado do Piauí, conforme Tabela 3.1. Também consta do CNSA/IPHAN 11 sítios sem nenhuma informação.

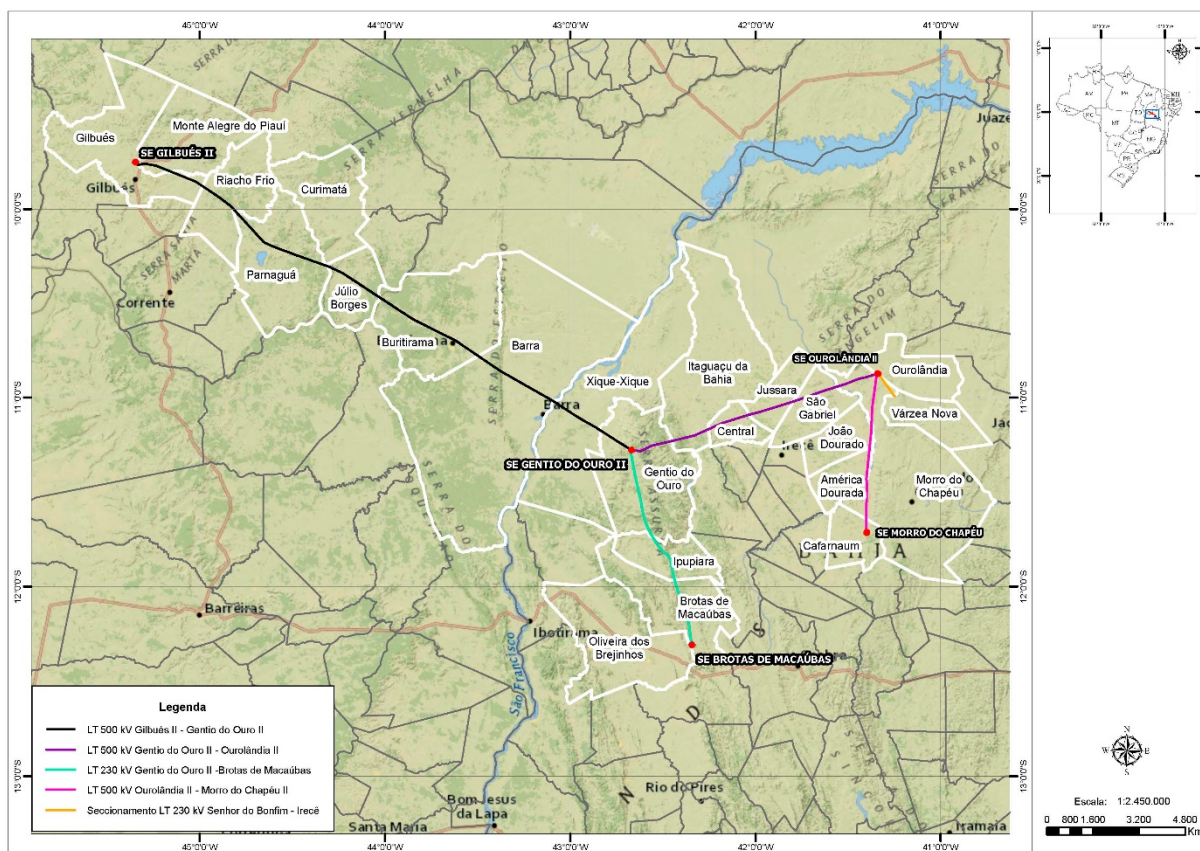


Figura 3.1. Localização da LT 500kV GILBUÉS II - OUROLÂNDIA II e divisão municipal.

Tabela 3.1. Sítios arqueológicos registrados nos municípios de interesse para o presente projeto (Estados da Bahia e Piauí). (Fonte: CNSA/IPHAN)

Nº CNSA	SÍTIO	CATEGORIA	EXPOSIÇÃO	DEPOSIÇÃO	MUNICÍPIO	ESTADO	UTM
BA00001	Abrigo da Fazenda São Pedro	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00002	Abrigo do Waldemar	Pré-colonial/Arte rupestre/Lítico	Cavidade	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00004	Lajedão do Riacho Largo	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00005	Toca da Aragolândia	Sítio paleontológico	Sem informação	Profundidade	Central	BA	Sem informação
BA00006	Toca da Aranha	Pré-colonial/Arte rupestre/Cerâmico	Cavidade	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00007	Toca Bonita	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00008	Toca do Boqueirão	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00009	Toca dos Búzios	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00010	Toca da Confusão	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00011	Toca do Euzébio	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00012	Toca da Janela dos Macacos	Pré-colonial/Arte rupestre/Lítico	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00014	Toca Lagoa do Saco II	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00015	Toca Lagoa do Saco III	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00016	Toca de Manuel Latão	Pré-colonial/Arte rupestre/Lítico/Paleontológico	Cavidade	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00018	Toca do Mocê II	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00019	Toca do Mocê IV	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00020	Toca do Olho d'água do Cirílio	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00049	Toca do Percílio 1	Pré-colonial/Arte rupestre/Estrutura de combustão	Cavidade	Superfície e Profundidade	Central	BA	Sem informação
BA00050	Toca do Percílio 2	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00051	Percílio 3	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00052	Toca da Porteira	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00053	Toca do Recanto 1	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00054	Toca do Recanto 2	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00055	Toca do Recanto 3	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00056	Toca do Recanto 4	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00057	Toca da Serra do Cipó 3	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00058	Toca da Serra do Cipó 2	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00060	Toca da Serra da Larginha 1.3	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00061	Toca da Serra da Larginha 2.2	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00062	Toca da Serra da Larginha 2.3	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00063	Toca da Serra da Larginha 2.4	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00064	Toca da Serra da Manga	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00065	Toca do Sol	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação

BA00066	Toca Tanque Novo 1	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00067	Toca Tanque Novo 2	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00069	Toca do Tanque Velho 3	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00070	Toca do Tanque Velho 4	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00071	Toca Velha	Sítio Paleontológico	Cavidade	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00072	Sem nome ou número	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00215	Abrigo da Lesma	Pré-colonial/Arte rupestre/Cerâmico	Cavidade	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00217	Baixão das Palmeiras	Sítio Paleontológico	Cavidade	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00219	Cemitério do Caboclo	Pré-colonial/Cerâmico	Céu aberto	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00224	Conjunto do Boqueirão da Fazendinha	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00232	Tanque da Luzia	Sítio Paleontológico	Tanque	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00233	Tanque do Detinho	Sítio Paleontológico	Tanque	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00234	Tanque do Aragão	Sítio Paleontológico	Tanque	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00235	Tanque do Betinho	Sítio Paleontológico	Tanque	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00236	Tanque do Chico Eduardo	Sítio Paleontológico	Tanque	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00237	Tanque do Edgar	Sítio Paleontológico	Tanque	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00240	Tanque Tinedi	Pré-colonial/Arte rupestre/Paleontológico	Tanque	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00241	Toca D'água	Sítio Paleontológico	Tanque	Sem informação	Central	BA	Sem informação
BA00252	Toca do Chico Eduardo	Pré-colonial/Arte rupestre	Outra	N/A	Central	BA	Sem informação
BA00218	Cañon do Caldeirão	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Gentio do Ouro	BA	Sem informação
BA00482	Notas Musicais	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Superfície	Gentio do Ouro	BA	Sem informação
BA00488	Cruzeiro	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Superfície	Gentio do Ouro	BA	Sem informação
BA00490	Santo Inácio	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Superfície	Gentio do Ouro	BA	Sem informação
BA00588	Cachoeira do Encantado	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Superfície	Gentio do Ouro	BA	Sem informação
BA00592	Complexo Santo Inácio	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Superfície	Gentio do Ouro	BA	Sem informação
BA00601	Lajes	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Superfície	Gentio do Ouro	BA	Sem informação
BA01110	Poções	Pré-colonial/Arte rupestre	Outra	N/A	Gentio do Ouro	BA	Sem informação
BA00599	Grota do Veinho	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Ourolândia	BA	Sem informação
BA00238	Tanque do Zé Carneiro	Sítio Paleontológico	Tanque	Sem informação	Itaguaçu da Bahia	BA	Sem informação
BA00229	Morro do Gregório	Sítio paleontológico	Tanque	Sem informação	Jussara	BA	Sem informação
BA00583	Aguada	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Jussara	BA	Sem informação
BA00651	Toca do Gado	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	São Gabriel	BA	Sem informação
BA00658	Toca do Progresso	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	São Gabriel	BA	Sem informação
BA00126	Abrigo da Cachoeira do Regato	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00127	Abrigo da Estrada	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00128	Abrigo do Manelão	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação

BA00129	Abrigo da Pedreira da Laje	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00130	Boqueirão do Brejo	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00131	Encontro dos Rios	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00132	Fazenda Sonhém	Pré-colonial/Cerâmico	Sem informação	Sem informação	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00133	Fei da Serra	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00134	Jaboticaba	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00135	Lagoa Nova I	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00136	Lagoa Nova II	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00137	Lagoa da Onça	Pré-colonial/Cerâmico	Sem informação	Sem informação	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00138	Maria Vermelha	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00139	Rio Preto	Pré-colonial/Cerâmico/Cemitério	Sem informação	Sem informação	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00140	Santa Úrsula	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00141	Serra das Lages I	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00142	Serra das Lages II	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00143	Serra das Lages III	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00144	Serra da Lagoa Velha	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00145	Sítio do Poço da Quarana	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00146	Toca do Pintado	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00246	Toca da Lagoa da Velha	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00249	Toca da Serra Nua	Pré-colonial/Arte rupestre	Outra	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00250	Toca das Corças	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00468	Abrigo da Serra do Caboclo 1	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00469	Abrigo da Serra do Caboclo 2	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00470	Abrigo do Cacique 1	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00471	Abrigo do Cacique 2	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00474	Bixiguento	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00475	Complexo de Abrigos Pintados do Rodrigão	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00477	Fazenda Jaboticaba 1	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00478	Fazenda Jaboticaba 2	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00479	Fazenda Jaboticaba 3	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00485	Cerâmico 1	Pré-colonial/Cerâmico	Céu aberto	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00486	Cerâmico da Igrejinha	Pré-colonial/Cerâmico	Céu aberto	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00487	Compasso	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00582	Abrigo do Sol	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00584	Bocana	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00594	Espinheiro	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação

BA00622	Pedra do Boiadeiro	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00632	Pingadeira	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00636	Poço das Traíras	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00647	Tapera	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00649	Toca da Figura	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00653	Toca do Pepino	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00865	Olho d'água 1	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00866	Olho d'água 2	Pré-colonial/Arte rupestre/Lítico	Cavidade	Sem informação	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00867	Sítio São Judas	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Morro do Chapéu	BA	Sem informação
BA00442	Toca do Pintado	Pré-colonial/Arte rupestre	Outra	N/A	Cafarnaum	BA	Sem informação
BA00605	Lapinha	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Cafarnaum	BA	Sem informação
BA00003	Grota do Pequeno	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00013	Toca Lagoa do Saco I	Pré-colonial/Arte rupestre/Lítico	Cavidade	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00017	Toca do Mocê I	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00048	Toca da Onça	Pré-colonial/Arte rupestre/Estrutura de combustão	Cavidade	Superfície e Profundidade	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00059	Toca da Serra da Larguinha 1	Pré-colonial/Cerâmico	Cavidade	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00068	Toca do Tanque Velho 1	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00216	Abrigo dos Pilões	Pré-colonial/Arte rupestre/Cerâmico	Cavidade	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00220	Complexo da Candeia	Grutas calcárias/sem informação	Outra	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00221	Complexo da Lapinha	Abrigo sob-rocha/sem informação	Cavidade	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00222	Complexo de grutas do Mundinho	Pré-colonial/Arte rupestre/Cerâmico/Paleontológico	Cavidade	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00226	Grota dos Bois	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00228	Lagoa do Peixe	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00231	Sítio Lito-Cerâmico do Manuel Latão	Pré-colonial/Cerâmico	Céu aberto	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00242	Toca da Boca Larga	Pré-colonial/Arte rupestre	Outra	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00243	Toca da Cabra	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00244	Toca da Esperança	Pré-colonial/Lítico	Outra	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00245	Toca da Gameleira	Pré-colonial/Arte rupestre/Cerâmico	Outra	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00247	Toca da Lua	Pré-colonial/Arte rupestre	Outra	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00248	Toca da Onça Vermelha	Pré-colonial/Arte rupestre	Outra	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00253	Toca do Cosmos	Pré-colonial/Arte rupestre/Cerâmico	Outra	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00254	Toca do Eusébio	Pré-colonial/Arte rupestre/Cerâmico	Outra	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00255	Toca do Índio	Pré-colonial/Arte rupestre	Outra	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00256	Toca do Manuel Latão	Pré-colonial/Arte rupestre/Lítico/Paleontológico	Outra	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00257	Toca do Olho d'água de Antides	Pré-colonial/Arte rupestre	Outra	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação

BA00258	Toca do Riachão	Pré-colonial/Arte rupestre/Paleontológico	Outra	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00259	Toca do Waldemar II	Sítio Paleontológico	Outra	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00260	Toca dos Búzios	Pré-colonial/Arte rupestre/Lítico	Outra	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00261	Toca dos Ossos Humanos	Pré-colonial/Cemitério	Outra	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00262	Toca Pequena	Pré-colonial/Arte rupestre	Outra	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00263	Toca sem nome	Pré-colonial/Arte rupestre	Outra	N/A	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00265	Toca da Serra do Cedro	Pré-colonial/Arte rupestre/Lítico	Outra	Sem informação	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00711	Ocorrência V: Estância	Histórico/Fábrica	Céu aberto	Superfície	Xique-Xique	BA	Sem informação
BA00209	Sodrelândia I	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Ipupiara	BA	Sem informação
BA00210	Sodrelândia I	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Ipupiara	BA	Sem informação
BA00211	Carlos Lamarca I	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Ipupiara	BA	Sem informação
BA00212	Carlos Lamarca II	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	Sem informação	Ipupiara	BA	Sem informação
BA00213	Da Lavadeira I	Pré-colonial/Arte rupestre	Sem informação	Sem informação	Ipupiara	BA	Sem informação
BA00214	Da Lavadeira II	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Ipupiara	BA	Sem informação
BA01106	Toca do Tapuia	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Sem informação	Ipupiara	BA	Sem informação
BA01111	Pintada	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Sem informação	Ipupiara	BA	Sem informação
BA00669	Barragem Aguada	Pré-colonial/Arte rupestre	Outra	N/A	Brotas de Macaúbas	BA	Sem informação
BA00734	Brotas de Macaúbas I	Pré-colonial/Cerâmico	Céu aberto	Superfície	Brotas de Macaúbas	BA	Sem informação
BA00735	Brotas de Macaúbas II	Pré-colonial/Cerâmico	Céu aberto	Superfície	Brotas de Macaúbas	BA	Sem informação
BA00736	Brotas de Macaúbas III	Pré-colonial/Cerâmico	Céu aberto	Superfície	Brotas de Macaúbas	BA	Sem informação
BA00737	Brotas de Macaúbas V	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Brotas de Macaúbas	BA	Sem informação
BA00769	Brotas de Macaúbas IV	Pré-colonial/Cerâmico	Céu aberto	Superfície	Brotas de Macaúbas	BA	Sem informação
BA01108	Mangabeira	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Brotas de Macaúbas	BA	Sem informação
BA01109	Morro do Cruzeiro	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	N/A	Brotas de Macaúbas	BA	Sem informação
PI01855	Gilbués	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície e Profundidade	Gilbués	PI	Sem informação
PI01866	Mulatinha	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Gilbués	PI	23L 487959/8914011
PI01875	Bandeira I	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Sem informação	Gilbués	PI	Sem informação
PI01876	Bandeira II	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Gilbués	PI	Sem informação
PI01868	Camaçari	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Gilbués	PI	Sem informação
PI01873	Salinas I	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Sem informação	Gilbués	PI	Sem informação
PI01874	Salinas II	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Gilbués	PI	Sem informação
PI01867	Soares	Pré-colonial/cerâmico	Céu aberto	Superfície	Gilbués	PI	Sem informação
PI01872	Vaqueiro	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Gilbués	PI	Sem informação
PI01863	Caracu	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Monte Alegre do Piauí	PI	Sem informação
PI01865	Chuvisco	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Monte Alegre do Piauí	PI	Sem informação
PI01864	Venceslau	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Monte Alegre do Piauí	PI	Sem informação

PI01882	Gurgueia 1	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Monte Alegre do Piauí	PI	Sem informação
PI01883	Gurgueia 2	Pré-colonial/Lítico	Sem informação	Sem informação	Monte Alegre do Piauí	PI	Sem informação
PI00919	Toca dos Caboclos	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Sem informação	Parnaguá	PI	Sem informação
PI00920	Pedra do Macaco	Pré-colonial/Arte rupestre	Céu aberto	Sem informação	Parnaguá	PI	Sem informação
PI00921	Descoberta	Pré-colonial/cerâmico	Céu aberto	Superfície	Parnaguá	PI	Sem informação
PI01849	Sítio Histórico Fazenda Mocambo	Histórico	Céu aberto	Superfície	Parnaguá	PI	Sem informação
PI01861	Toca da Rastaria	Pré-colonial/Arte rupestre	Cavidade	Superfície	Parnaguá	PI	Sem informação
PI01858	Chapada do Rio Fundo	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Parnaguá	PI	Sem informação
PI01871	Bené	Pré-colonial/cerâmico	Céu aberto	Superfície	Riacho Frio	PI	Sem informação
PI01870	Muralha	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Riacho Frio	PI	Sem informação
PI01869	Riacho Frio	Pré-colonial/Lítico	Céu aberto	Superfície	Riacho Frio	PI	Sem informação

A distribuição de todos os sítios constantes no CNSA/IPHAN (187, sítios arqueológicos, sítios paleontológicos e sítios sem informação) por município de interesse ao presente projeto pode ser observada na Figura 3.2.

Cabe aqui comentar que a predominância do número de sítios nos municípios de Central, Morro do Chapéu e Xique-Xique é provocada pela maior quantidade de pesquisas arqueológicas, tanto acadêmicas quanto ligadas à projetos de arqueologia preventiva, executadas nestes municípios.

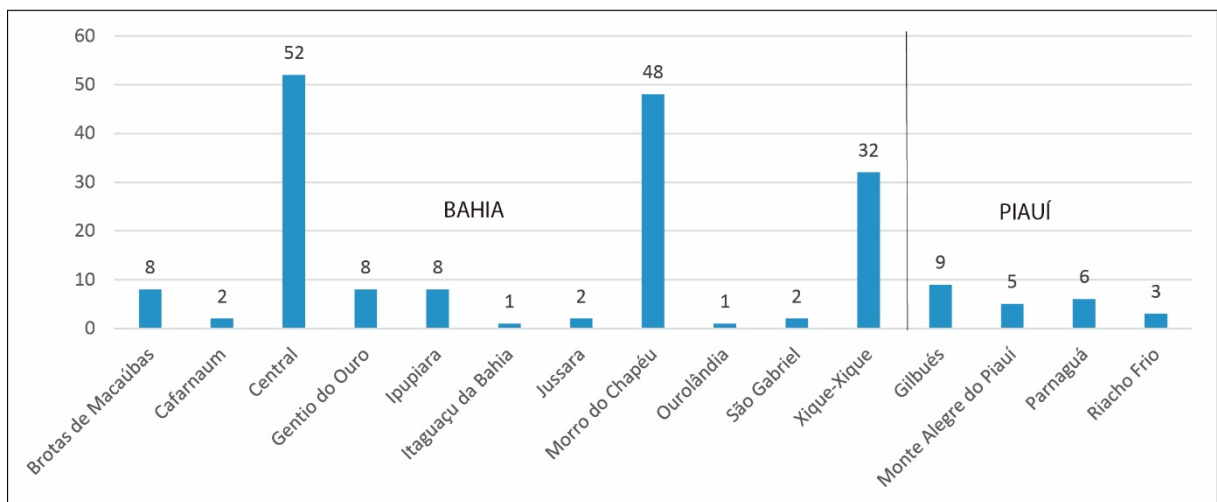


Figura 3.2. Quantificação dos sítios arqueológicos e paleontológicos constante do SGPA/IPHAN por município da área de estudo.

Dentre os 163 sítios arqueológicos, a grande maioria 98,8% (161) estão relacionados ao período pré-colonial, e somente 1,2% (2) estão associados ao período histórico. A distribuição dos sítios arqueológicos por categoria (163 no total), pode ser observada na Figura 3.3, ressaltando-se que a maioria dos sítios pré-coloniais se enquadram na categoria de sítio de arte rupestre, seguido por sítio lítico e sítio cerâmico. Também consta dois sítios classificados como sendo cemitério pré-colonial, e dois classificados como sítio histórico.

Os sítios cadastrados como pertencendo a mais de uma categoria (Tabela 3.2), como por exemplo sítio pré-colonial arte rupestre/cerâmico, foram contabilizados para cada categoria para confecção da Figura 3.3.

Não contabilizado (Tabela 3.2) na descrição quantitativa acima, estão 11 sítios para os quais não consta nenhuma outra informação, e 13 sítios paleontológicos, com presença de fauna extinta, mas sem nenhuma informação quanto a presença ou não de vestígios de cultura material.

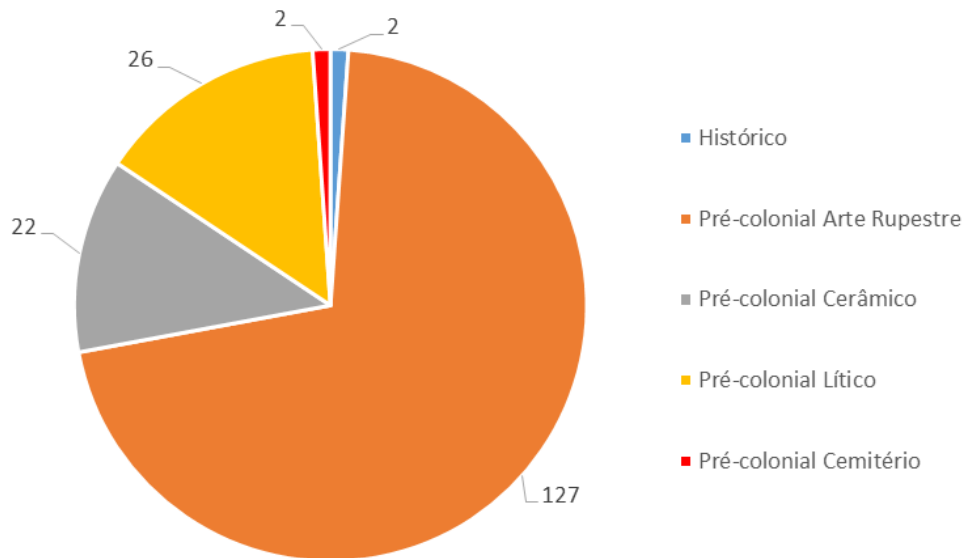


Figura 3.3. Número absoluto das categorias de sítios arqueológicos registrados nos municípios cortados pela LT.

Tabela 3.2. Quantitativo e categoria dos sítios arqueológicos registrados nos municípios atravessados pela Linha de Transmissão.

DESCRIÇÃO	QUANTIDADE	%
Histórico	2	1,1
Pré Colonial/Arte Rupestre	108	57,8
Pré-colonial/Arte rupestre/Cerâmico	6	3,2
Pré-colonial/Arte rupestre/Cerâmico/Paleontológico	1	0,5
Pré-colonial/Arte rupestre/Estrutura de combustão	2	1,1
Pré-colonial/Arte rupestre/Lítico	6	3,2
Pré-colonial/Arte rupestre/Lítico/Paleontológico	2	1,1
Pré Colonial/Arte Rupestre/Paleontológico	2	1,1
Pré Colonial Cemitério	1	0,5
Pré Colonial Cerâmico	14	7,5
Pré-colonial/Cerâmico/Cemitério	1	0,5
Pré Colonial Lítico	18	9,6
Paleontológico	13	7,0
Sem informação	11	5,9
Total	187	100,0

Sobre os sítios de arte rupestre da Bahia, o que também pode ser extrapolado para o sudoeste do Piauí, fala Etchevarne:

A grande quantidade de sítios arqueológicos já registrados e os muitos outros referidos por informantes demonstram que, no espaço territorial onde é hoje a Bahia, os grupos indígenas pré-coloniais desenvolveram verdadeiros sistemas de comunicação por meio de imagens. Os sítios de pinturas rupestres estão distribuídos em grande parte do território baiano,

com exceção da faixa litorânea. Na Chapada Diamantina, no vale do São Francisco, no oeste do estado e na extensa planície sertaneja, os sítios são numerosos e apenas cerca de duas centenas deles foram registrados. Conforme a região e as localidades, há grandes variações de motivos e técnicas de execução, mas é possível classificar algumas unidades pictográficas. Sobreposições de conjuntos de motivos mostram que houve períodos de vigência de um ou outro sistema gráfico. (...) Em linhas gerais, as composições podem ser classificadas em três grandes grupos, com variações estilísticas e distribuídos de forma desigual. As manifestações gráficas mais antigas são as que comportam elementos facilmente reconhecíveis, pela natureza dos indivíduos e pelas cenas em que estão inseridos. Outro grupo tem motivos de forte tendência à expressão ritualística e à estilização de figuras. Em um terceiro grande momento, mais recente, a preponderância é de elementos geométricos. Por esses registros, parece lógico pensar que houve uma progressão na transformação de elementos naturalísticos para a abstração, ou seja, os primeiros sistemas gráficos são mais descritivos, tornando-se cada vez mais abstratos ou conceituais com o passar do tempo (ETCHEVARNE, 2014, disponível em: <http://revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/um-legado-de-figuras-e-cores>).



Figura 3.4. Desenhos rupestres registradas em sítios arqueológicos nos municípios de Gentio do Ouro, Ipupiara e Brotas de Macaúbas. Fonte: R3 - 2014.

Os desenhos rupestres ilustrados na Figura 3.4 exemplificam os motivos e as técnicas registrados nos sítios de arte rupestre da área de interesse para o presente projeto (R-3, 2014), as quais se inserem nas denominadas Tradições “São Francisco” e “Nordeste” (ETCHEVARNE, 2014). Segundo este autor,

A Tradição Nordeste “se caracteriza pelo efeito narrativo das representações. Para isto, se torna indispensável que na composição entrem detalhes do corpo humano ou animal, que aqui se transforma em unidade gráfica mínima de expressão. Ou seja, a mensagem, proposta pelo indivíduo que pintava, era composta por partículas gráficas combinadas, que posicionadas de uma determinada maneira, evocam, conjuntamente uma situação social em que impera a descrição e o dinamismo” (ETCHEVARNE, 2010, p.34).

Já a Tradição São Francisco, segundo o mesmo autor, “está marcado pelo caráter geometrizar das representações. Os grafismos sob esta definição chegam a constituir, em alguns casos, os elementos predominantes na totalidade do conjunto pintado dos painéis” (ETCHEVARNE, 2007:32).

O autor afirma ainda, sobre a Tradição São Francisco, que “As figuras são frequentemente bicromáticas e tricromáticas, sendo que, às vezes, são empregados no mesmo painel as variantes do vermelho, amarelo, branco e preto, o que proporciona um considerável impacto visual” (ETCHEVARNE, 2007:33).

Com relação às pesquisas executadas na área, o município de Central e os municípios vizinhos de Irecê e Xique-Xique, foram objeto de uma intensa campanha de pesquisas arqueológicas, iniciada na década de 1980 do século passado, relacionada ao Projeto Central, coordenado por Maria Conceição Beltrão. Segundo Martin (1999, p.116), “fala-se de centenas de grutas e abrigos em afloramentos calcários e arenítico-quartzíticos, cobertos de pinturas rupestres pertencentes a diversas tradições”.

Durante os trabalhos no Projeto Central, os resultados mais impactantes foram obtidos durante a escavação da Toca da Esperança, um abrigo com pinturas situado no município de Central. Segundo Martin (1999, p.116-117),

A importância destes achados arqueológicos como um todo teve o impacto que representou o da Toca da Esperança e suas imprevisíveis cronologias do pleistoceno médio. (...) A escavação arqueológica desta gruta revelou a existência de depósitos quaternários que continham, sob uma crosta carbonática, ossos extremamente fossilizados de fauna extinta, entre os quais predominavam os de equídeos. As datações obtidas pelo método do urânio/tório nos ossos coletados deram a essa fauna uma idade em torno dos 300.000 anos (...). Os autores do trabalho (...) afirmaram que os artefatos líticos de quartzo e quartzito, coletados entre os ossos da megafauna extinta, somente poderiam ter sido transportados pela mão humana e, em consequência, consideraram a Toca da Esperança o mais antigo sítio conhecido no continente americano com indústria lítica, o que significaria a presença do homem na América no pleistoceno médio, além da possibilidade de que o homo erectus houvesse chegado ao continente americano através da Ásia, utilizando o istmo de Bering (...).

As datas obtidas na Toca da Esperança, acima do piso laterítico, se situaram entre 2.020±130 AP e 6.450±50 AP, conforme a autora acima citada.

Sobre este assunto, Etchevarne (1999-2000, p.116) afirma que:

Evidentemente, o anúncio desta descoberta provocou, e provoca ainda, perplexidade em alguns, e em outros, ceticismo, recebendo duras críticas de muitos especialistas quanto à identificação do material como produto humano ou quanto ao contexto estratigráfico do achado. Desde então, nenhum outro vestígio foi apresentado por Beltrão, confirmando sua hipótese.

Ainda relacionado ao Projeto Central, foram escavados o abrigo vizinho denominado Toca dos Búzios, que apresentou datas holocênicas a partir do sétimo milênio e o Abrigo da Lesma, que apresentou indústria lítica, óssea e vestígios de fauna atual, além de vestígios humanos. As datas obtidas para o Abrigo da Lesma se situaram entre 1.137 e 2.712 anos antes do presente (MARTIN, 1999).

Esta mesma autora ainda afirma que a área arqueológica do Projeto Central faz parte de uma das três grandes “províncias” rupestres ligadas à Tradição Nordeste, com riqueza de representações zoomorfas reconhecíveis e grupos dinâmicos de figuras humanas, além de possíveis representações astronômicas.

Recentemente, durante trabalho de campo para os estudos preliminares de espeleologia² na área da LT 500 KV Gilbués II - Orolândia II foi identificado um abrigo sobre rocha (arenito da formação Caboclo), denominado localmente de Gruta dos Tepuis, e que possui três paredões com pinturas rupestres (Figura 3.5 a Figura 3.10). O abrigo possui aproximadamente 10 de eixo horizontal, desenvolvida em blocos abatidos, e não possui Zona afótica.

² Estudos de Espeleologia realizados pela empresa de consultoria Ecology Brasil para o EIA dentro da área da LT 500 KV Gilbués II - Orolândia II



Figura 3.5. Placa de Identificação da Gruta do Tepuís, Número que consta na ficha anexa.

SIRGAS 2000 – 23 m 785663 E, 8650108N

Fonte: Foto tirada pela Ecology Brasil para a LT 500 KV Gilbués II - Ourolândia II, Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental - EIA/RIMA, Diagnóstico Espeleológico – Figura 2.2.2.9-50.



Figura 3.6. Pinturas Rupestres- Gruta dos Tepuis.

SIRGAS 2000 – 23 m 785663 E, 8650108N

Fonte: Foto tirada pela Ecology Brasil para a LT 500 KV Gilbués II - Ourolândia II, Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental - EIA/RIMA, Diagnóstico Espeleológico – Figura 2.2.2.9-51.



Figura 3.7. Gruta dos Tepuis - Pinturas Rupestres - Diversas Formas.

SIRGAS 2000 – 23 m 785663 E, 8650108N

Fonte: Foto tirada pela Ecology Brasil para a LT 500 KV Gilbués II - Ourolândia II, Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental - EIA/RIMA, Diagnóstico Espeleológico – Figura 2.2.2.9-52.



Figura 3.8. Entorno da Gruta dos Tepuis e Vista geral do Paredão de Pintura Rupestre.

SIRGAS 2000 – 23 m 785663 E, 8650108N

Fonte: Foto tirada pela Ecology Brasil para a LT 500 KV Gilbués II - Ourolândia II, Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental - EIA/RIMA, Diagnóstico Espeleológico – Figura 2.2.2.9-53.



Figura 3.9. Detalhe de um Zoomorfo, na Gruta do Tepuís.

SIRGAS 2000 – 23 m 785663 E, 8650108N

Fonte: Foto tirada pela Ecology Brasil para a LT 500 KV Gilbués II - Orolândia II, Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental - EIA/RIMA, Diagnóstico Espeleológico – Figura 2.2.2.9-54.



Figura 3.10. Entra da Gruta do Tepuís entre blocos abatidos.

SIRGAS 2000 – 23 m 785663 E, 8650108N

Fonte: Foto tirada pela Ecology Brasil para a LT 500 KV Gilbués II - Orolândia II, Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental - EIA/RIMA, Diagnóstico Espeleológico – Figura 2.2.2.9-55.

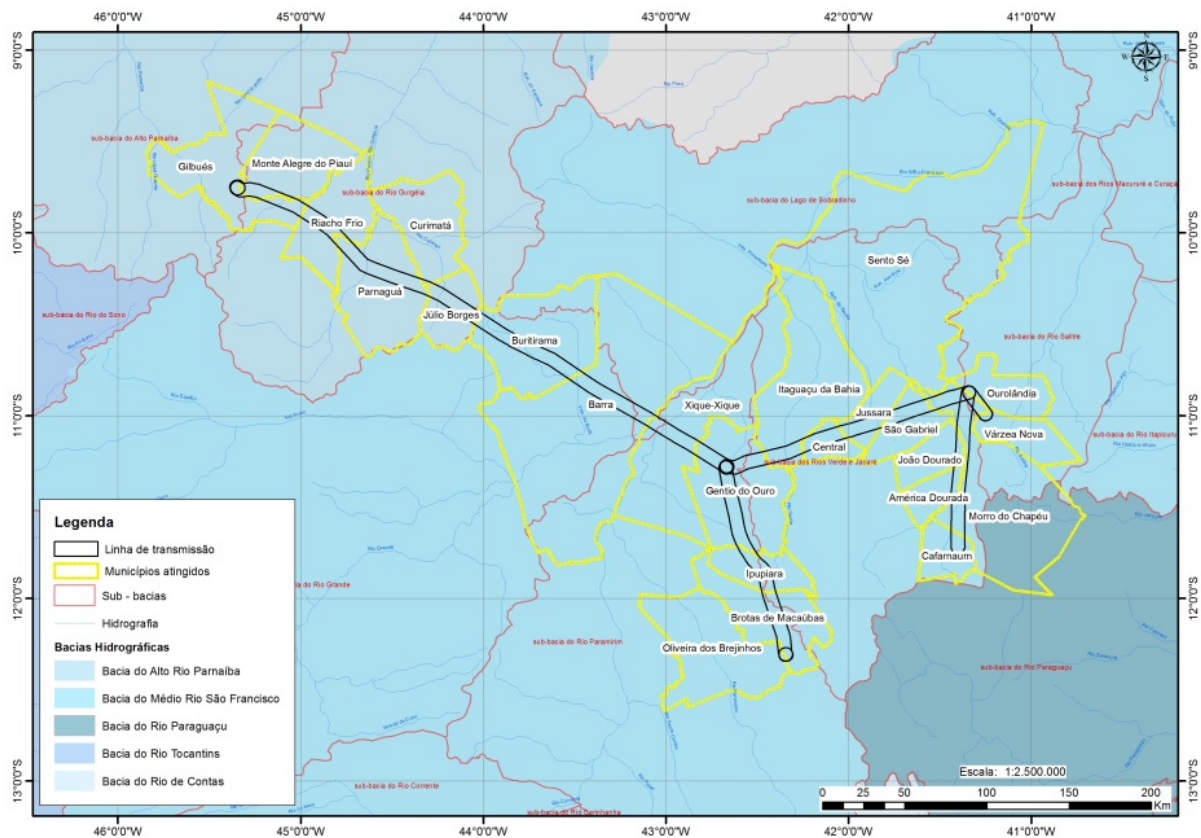
De qualquer forma, os dados aqui apresentados, ainda que iniciais, servem para mostrar que a área onde se localizará o empreendimento apresenta uma grande riqueza no que concerne ao patrimônio arqueológico, estando os sítios estudados nesta área ligados à importantes questionamentos quanto a uma possível coabitação entre megafauna e populações humanas, quanto à antiguidade e dispersão dos primeiros grupos humanos pelo continente americano e subsequente ocupação do território regional.

4. INFERÊNCIAS A PARTIR DOS DADOS AMBIENTAIS DISPONÍVEIS ³

Uma vez que não existem mais informações arqueológicas específicas para a área de estudo, especialmente nas áreas de interesse para o presente diagnóstico (Área de Estudo Municipal e Área de Estudo Local da Linha de Transmissão), avaliam-se, aqui, pelas características ambientais (meio físico, cobertura vegetal e uso do solo), os tipos de ocorrências arqueológicas que têm possibilidade de serem encontrados em pesquisas arqueológicas sistemáticas de campo:

4.1. HIDROGRAFIA E COBERTURA VEGETAL

Os municípios abrangidos pelo empreendimento em avaliação encontram-se inseridos nas bacias hidrográficas dos rios São Francisco e Parnaíba, especificamente nas sub-bacias hidrográficas Rio Salitre, Verde-Jacaré, Calha do São Francisco, Grande e Margem Esquerda do Lago Sobradinho (Bahia) e Alto Parnaíba, Gurguéia e Grande (Piauí) (Figura 4.1 e Tabela 3.1).



³ Os dados ambientais foram providenciados pelo empreendedor – JMM.

Figura 4.1. Hidrografia do Estado da Bahia e Piauí, com destaque para as sub-bacias onde se localizam os municípios de interesse para o presente projeto. (Scientia)

Tabela 4.1. Sub-bacias hidrográficas da área de estudo (Bahia e Piauí).

Município	Sub-bacia	Município	Sub-bacia
Ourolândia	Rios Verde e Jacaré/Rio Salitre	América Dourada	Rios Verde e Jacaré
Morro do Chapéu	Rios Verde e Jacaré/Rio Salitre/Rio Paraguçu	Cafarnaum	Rios Verde e Jacaré
Várzea Nova	Rio Salitre	Xique-Xique	Rio Paramirim/ Lago de Sobradinho/Rios Verde e Jacaré
São Gabriel	Rios Verde e Jacaré	Barra	Grande/Lago de Sobradinho/Rio Paramirim
Jussara	Rios Verde e Jacaré	Buritirama	Rio Grande/Lago de Sobradinho
Central	Rios Verde e Jacaré	Gilbués	Alto Parnaíba/Rio Gurgéia
Itaguaçu da Bahia	Rios Verde e Jacaré	Monte Alegre do Piauí	Alto Parnaíba Alto Parnaíba/Rio Gurgéia
Gentio do Ouro	Rio Paramirim/ /Rios Verde e Jacaré	Riacho Frio	Rio Gurgéia
Ipupiara	Rio Paramirim/ /Rios Verde e Jacaré	Parnaçuá	Rio Gurgéia
Brotas de Macaúbas	Rio Paramirim/ /Rios Verde e Jacaré	Júlio Borges	Rio Gurgéia
João Dourado	Rios Verde e Jacaré		

Justifica-se o destaque dado às bacias hidrográficas no presente projeto pelo fato de que:

bacias hidrográficas constituem elementos naturais privilegiados nos deslocamentos e expansões regionais de populações indígenas pré-coloniais e também do conquistador europeu no período colonial, seu recorte é altamente favorável à formulação de: problemáticas sobre a ocupação humana pretérita da área de estudo; definição de territórios de captação de diferentes recursos para sociedades com tecnologia simples e formulação de modelos preditivos sobre a localização e funcionalidade de assentamentos humanos pretéritos. (CALDARELLI, 2012).

Já a cobertura vegetal tem importância não só para hipóteses sobre recursos naturais explorados pelos ocupantes pretéritos da região, como pela sua importância na visibilidade do solo quando dos levantamentos arqueológicos em campo, bem como pela possibilidade de seu manejo recente ter afetado a integridade de sítios arqueológicos formados na área de estudo.

A Figura 4.2 ilustra as formações vegetais dominantes na área de estudo, e abaixo breve descrição para cada sub-bacia.

Na sub-bacia do Alto Parnaíba, no estado do Piauí, predomina a vegetação de savana (cerrado) na em boa parte de toda a região central e noroeste desta sub-bacia (Figura 4.2). Na região nordeste há um mosaico de áreas de tensão ecológica (savana/estepe; savana/floresta estacional e estepe/floresta estacional), com floresta estacional decidual

(mata caducifolia); e pequenas áreas de floresta estacional semidecidual (mata caducifolia) e de estepe (caatinga).

A sub-bacia do Grande apresenta distribuição da vegetação muito similar à da sub-bacia do Alto Paranaíba, com a qual tem limite na parte norte da sub-bacia (Figura 4.2).

A sub-bacia Margem Esquerda do Lago de Sobradinho apresenta vegetação predominantemente de estepe (caatinga) com um mosaico de áreas de tensão ecológica (savana/estepe), floresta estacional decidual (mata caducifolia) e floresta estacional semidecidual (mata caducifolia) na região sudoeste desta sub-bacia (Figura 4.2).

A sub-bacia Calha do São Francisco é um mosaico de estepe (caatinga), áreas de tensão ecológica (savana/estepe e estepe/floresta estacional), floresta estacional decidual (mata caducifolia) e floresta estacional semidecidual (mata caducifolia) e pequenas manchas de savana (cerrado) (Figura 4.2).

A sub-bacia Paramirim apresenta vegetação predominantemente de estepe (caatinga), com áreas a leste e a oeste de áreas de tensão ecológica (estepe/floresta estacional), uma pequena mancha de savana (cerrado) na região centro-oeste, e uma mancha de refúgio ecológico (campos de altitude) ao sul da sub-bacia (Figura 4.2).

A sub-bacia Verde-Jacaré apresenta vegetação predominantemente de estepe (caatinga) em toda sua parte central, com um mosaico nos extremos oeste, leste e sul composto por áreas de tensão ecológica (estepe/floresta estacional), floresta estacional semidecidual (mata caducifolia) e pequenas manchas de savana (cerrado) e refúgio ecológico (campos de altitude) ao sul da sub-bacia (Figura 4.2).

O traçado do empreendimento *Linha de Transmissão 500kV Gilbués II – Ouroândia II* percorre municípios cujos territórios são essencialmente rurais. Na maioria dos municípios o tipo de uso que abarca maiores áreas são matas e/ou florestas naturais, à exceção de Riacho Frio (PI), Ipupiara (BA), São Gabriel (BA), Morro do Chapéu (BA), Ouroândia (BA), João Dourado (BA), América Dourada (BA) e Cafarnaum (BA). Em todos estes citados predominam as pastagens naturais, onde é praticada principalmente a pecuária extensiva, com destaque para Parnaguá (PI) e Morro do Chapéu (BA).

Apesar do predomínio de Savanas e Estepes (Figura 4.2), vegetações de climas mais secos, os poucos estudos paleoambientais no nordeste indicam que o estabelecimento da moderna vegetação de caatinga na a região de campos de dunas da Bahia está datado em 4.535 anos antes do presente (A.P.) antes do presente (Oliveira et al., 2005), há evidências

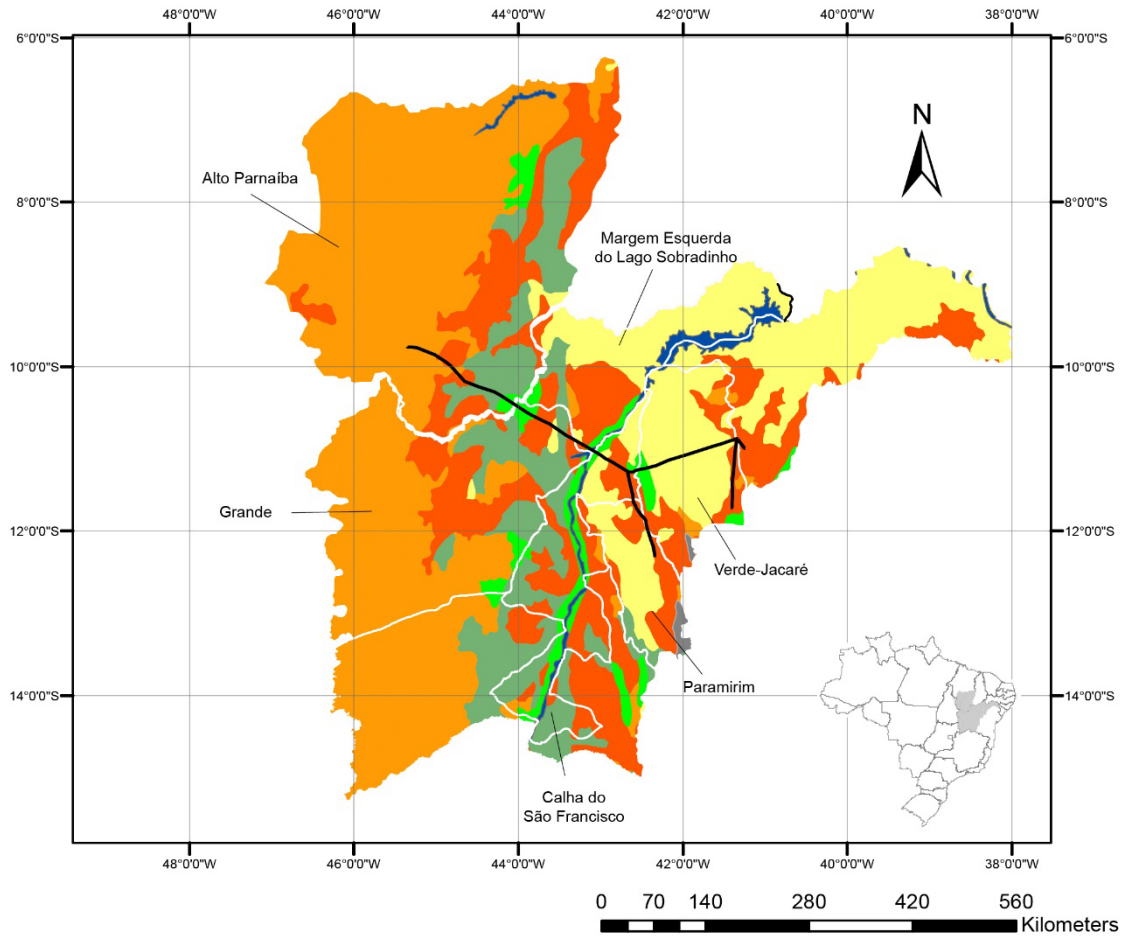
de que entre 15.500 e 11.800 anos A.P. antes do presente um expressivo aumento da precipitação indicativo do período mais úmido registrado no Nordeste do Brasil (Oliveira et al., 2005). Oliveira et al. (1999) e Barreto (1996) sugerem que aumento de umidade na região nordeste no início do Holoceno, com aumentos progressivos de umidade entre 8.910 e 6.790 anos A.P. e entre 6.236 e 4.240 anos A.P. O retorno das condições de Caatinga/Cerrado deu-se a partir de 4.240 anos A.P

Atividades de caça e coleta de vegetais podem ter sido realizadas complementarmente em qualquer região, principalmente nos períodos mais úmidos do Pleistoceno Tardio e Holoceno Inicial e Médio.

No que concerne à visibilidade e integridade dos potenciais sítios arqueológicos existentes na área de estudo, observando-se os aspectos da cobertura vegetal original e dos usos do solo em períodos mais recentes, as hipóteses apontam para:

Médio potencial de ocorrência de sítios arqueológicos nas áreas áridas, as quais apresentam médio potencial de preservação dos eventuais sítios arqueológicos nela existentes;

Potencial desconhecido para a ocorrência de sítios arqueológicos nas áreas antropizadas e baixo potencial de preservação dos eventuais sítios arqueológicos superficiais e sub-superficiais nela existentes, exatamente pelo potencial de destruição das estruturas arqueológicas pelas atividades antrópicas historicamente recentes.



LEGENDA

 Areas de Tensao Ecologica	 Refugio Ecologico
 Estepe	 Rios e Lagos
 Floresta Estacional Decidual	 Savana
 Floresta Estacional Semidecidual	

Figura 4.2. Cobertura vegetal na região do presente projeto. (Scientia)

4.2. GEOLOGIA

As formações geológicas têm importância na pesquisa arqueológica por permitirem inferir a proveniência de matérias-primas utilizadas preteritamente no fabrico de artefatos, os quais podem ser locais (o que demanda pouco esforço para obtenção) ou distantes, o que indica sua valorização pelas populações pretéritas que ocuparam a área de estudo, a ponto de se deslocarem periodicamente para sua obtenção.

Na área de estudo há presença de várias formações geológicas (Tabela 4.2) das Eras Cenozóica, Mesozóica, Paleozóica, Neoproterozóica, Mesoproterozóica, Paleoproterozóica e Arqueano, que datam entre 2,5 milhões a 2,5 bilhões de anos atrás (Tabela 4.3). As

formações mais antigas do Precambriano (Eras: Arqueano, Neoproterozóica, Mesoproterozóica, Paleoproterozóica), apresentam rochas ígneas e metamórficas, enquanto formações rochas sedimentares estão associadas tanto as formações do Precambriano (Eras: Mesoproterozóica, Paleoproterozóica e Neoproterozóica), quanto do Farenoziano (Eras: Cenozóica, Mesozóica e Paleozóica).

Tabela 4.2. Litologia da área do empreendimento.

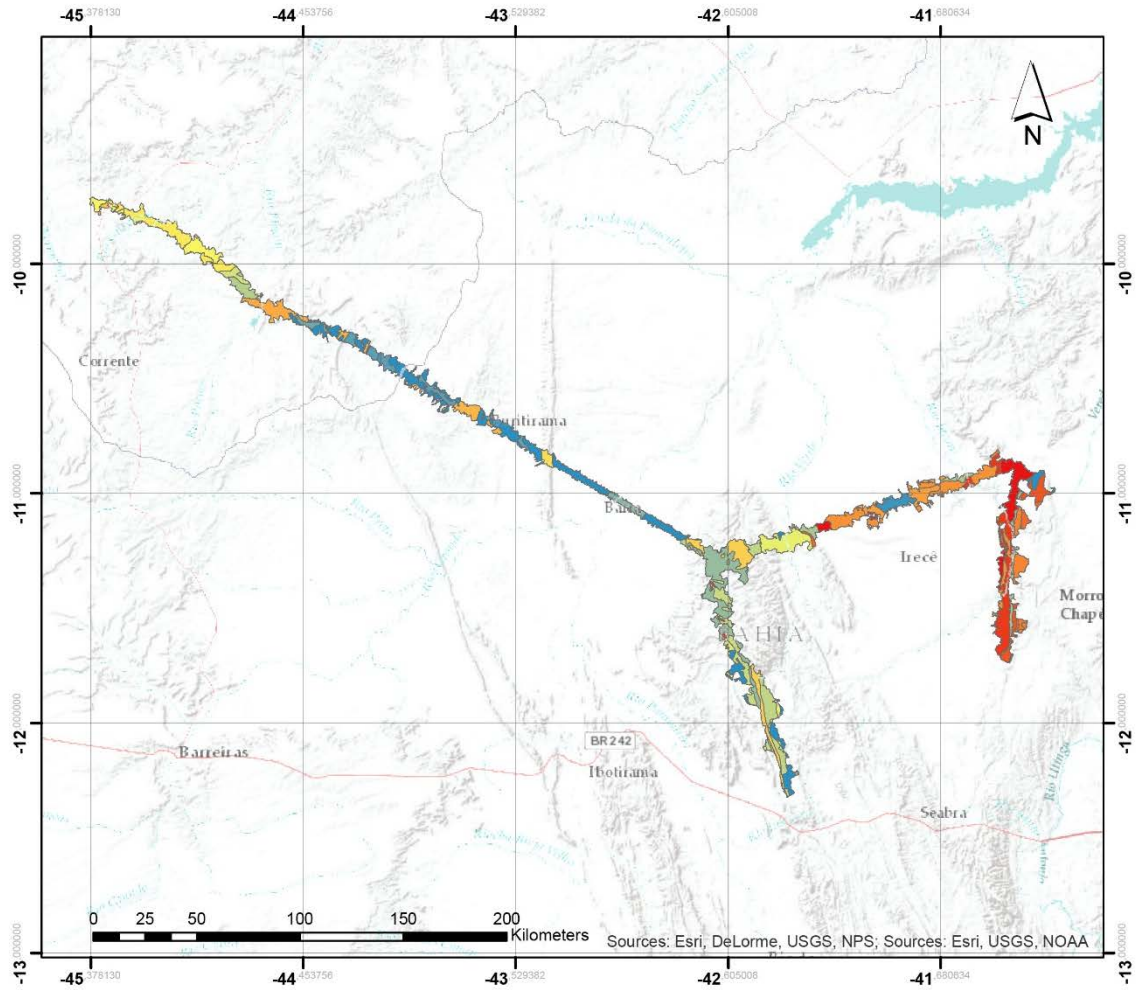
UNIDADE	PERÍODO	ROCHAS*	TIPO DE ROCHA*
Coberturas detrito-lateríticas ferruginosas	Neogeno	Aglomerado, silte, argila, laterita, areia	Material superficial
Coberturas residuais	Neogeno	Argila e areia	Material superficial
Corpo Granitóide Serra da Pintada	Riaciono	Rocha granítica a sienogranítica de textura média a grossa foliada ou gnaissificada, em geral porfiroclástica de tendência alcalina	Ígnea
Cristalândia do Piauí-ortognaisses	Neoarqueano	Orto e paragnaisses, geralmente migmatizados, destacando-se corpos de metagranitóides, enclaves máfico-ultramáficos e bandas ferríferas intercaladas	Metamórfica
Cristalândia do Piauí-paragnaisse	Neoarqueano	Orto e paragnaisses, geralmente migmatizados, destacando-se corpos de metagranitóides, enclaves máfico-ultramáficos e bandas ferríferas intercaladas	Metamórfica
Cristalândia do Piauí, ortognaisse e migmatito	Neoarqueano	Orto e paragnaisses, geralmente migmatizados, destacando-se corpos de metagranitóides, enclaves máfico-ultramáficos e bandas ferríferas intercaladas	Metamórfica
Depósitos aluvionares	Neogeno		Material superficial
Depósitos aluvionares antigos	Neogeno	Areia com intercalações de argila e cascalho, conglomerado, arenito conglomerático, arenito e, subordinadamente, finas camadas de argilito; pouco compactado e com fragmentos de crosta laterítica, gnaisse, pegmatito, quartzito e quartzo dispersos nos níveis conglomeráticos. Estruturas de paleossismicidade são freqüentes	Material superficial
Formação Açuruá	Estateriano	Metargilito e metassiltito com lentes de metarenito	Metamórfica
Formação Bebedouro	Criogeniano	Diamictito, Arcóseo, Lamito	Sedimentar
Formação Caatinga	Neogeno	Brecha calcífera e calcrete	Sedimentar
Formação Cabeças, Grupo Canindé	Devoniano	Arenitos	Sedimentar
Formação Caboclo	Calimiano	Arenitos	Sedimentar
Formação Caboclo indiviso	Calimiano	Siltito, argilito, arenito, arenito argiloso, calcário, marga, laminito algal e estromatolito colunar	Sedimentar
Formação Lagoa de Dentro	Estateriano	Metarenito	Metamórfica
Formação Longá, Grupo Canindé	Devoniano	Arenito, Siltito, Folhelho	Sedimentar

Formação Mangabeira	Estateriano	Metaquartzo-arenito e metarenito eólicos com intercalações de metaconglomerado	Metamórfica
Formação Morro do Chapéu	Esteniano	Conglomerados, arenitos e rochas de granulação fina (argilito, siltito)	Sedimentar
Formação Ouricuri do Ouro	Estateriano	Metaconglomerado polimítico e metarenito	Metamórfica
Formação Piauí, Grupo Balsas	Carbonífero	Arenitos, e intercalações de folhelhos vermelhos, níveis de sílex e ocasionais calcários	Sedimentar
Formação Poti, Grupo Canindé	Carbonífero	Arenito, siltito, folhelho e conglomerado.	Sedimentar
Formação Sítio Novo	Esteniano	Quartzito puro a feldspático ou a lítico, filito, cianita-dumortierita quartzito e metaconglomerado	Metamórfica
Formação Tombador	Calimiano	Arenitos	Sedimentar
Grupo Areado	Cretáceo	Arenito, siltito, folhelho e conglomerado	Sedimentar
Grupo Rio Preto	Esteniano	Xisto e filito grafitosos, sericíticos e granadíferos com intercalações de quartzito, metaconglomerado e raro anfíbolito	Metamórfica
Grupo Serra grande	Siluriano	Conglomerado, arenitos maciços, diamictitos, siltitos e folhelhos	Sedimentar
Litofácies Jussara, calcarenito oncolítico	Criogeniano		Sedimentar
Litofácies Jussara, calcarenito preto	Toniano		Ígnea
Litofácies Morro do Chapéu – Fácies 1	Esteniano	Quartzo monzonito	Ígnea
Litofácies Morro do Chapéu – Fácies 2	Esteniano	Quartzo monzonito	Ígnea
Litofácies Morro do Chapéu – Fácies 3	Esteniano	Quartzo monzonito	Ígnea
Litofácies Morro do Chapéu – Fácies 4	Esteniano	Quartzo monzonito	Ígnea
Litofácies Morro do Chapéu – Fácies 5	Esteniano	Quartzo monzonito	Ígnea
Soleiras e Diques de Brotas de Macaúbas e do Vale do Paramirim	Calimiano	Gabro, diabásio e diorito	Ígnea
Unidade Gabriel	Criogeniano	Calcissiltitos com estratificações plano-paralela e ondulada	Sedimentar
Unidade Irecê	Criogeniano	Calcilutito laminado intercalado com marga, arenito e argilito com estratificação plano-paralela	Sedimentar
Unidade Nova América	Criogeniano	Laminitos algais	Sedimentar

* (Fonte: CPRM - GEOBANK – Litoestratigrafia)

Tabela 4.3. Cronologia dos períodos associados às formações geológicas na área do empreendimento.

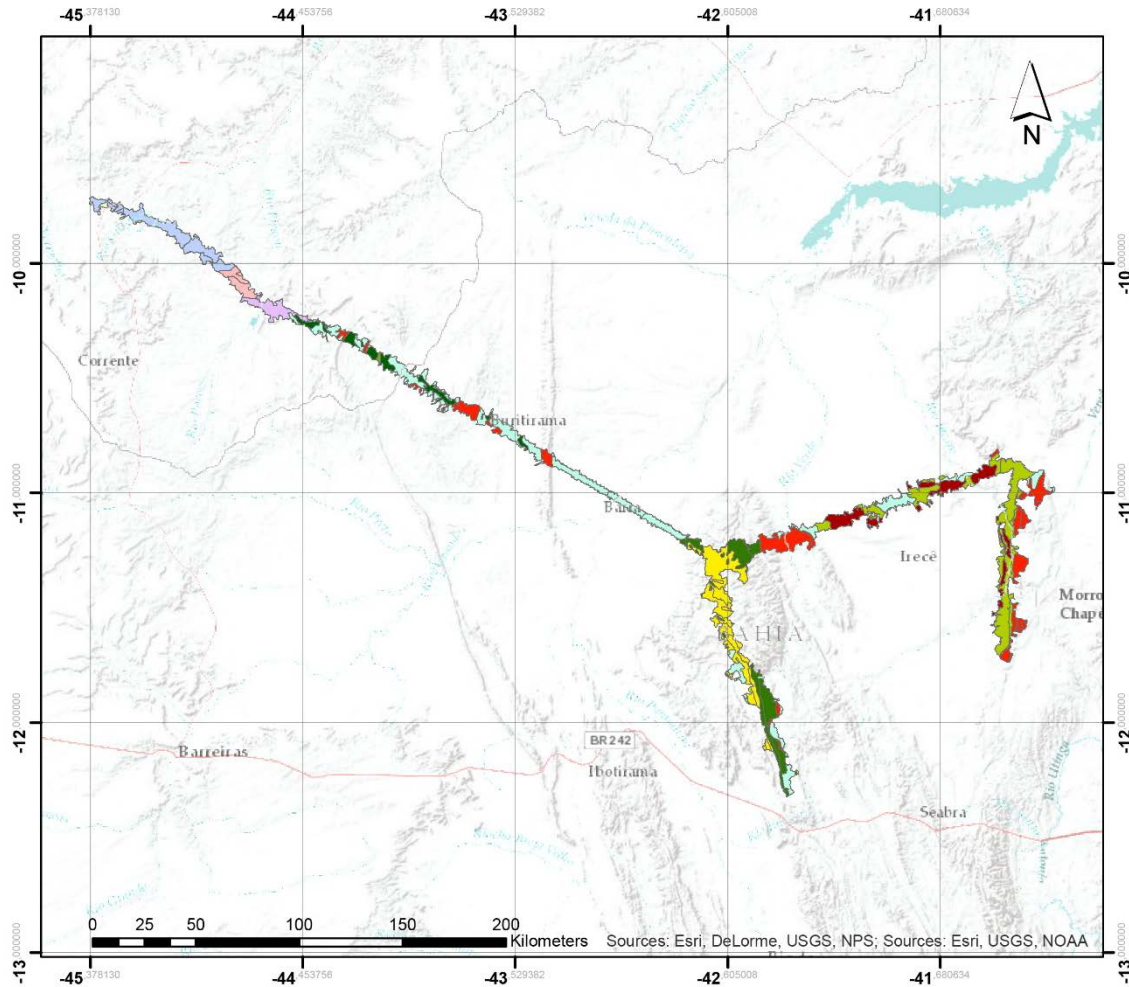
ERA	PERIODO	DATA (anos A.P.)
Cenozóica	Neogeno	23,03 milhões e 2,58 milhões
Mesozóica	Cretáceo	145 milhões - 66 milhões
Paleozóica	Carbonífero	359 milhões - 245 milhões
	Devoniano	419,2 milhões - 359 milhões
	Siluriano	443,8 milhões - 419,2 milhões
Neoproterozóica	Criogeniano	720 milhões - 635 milhões
	Toniano	1,0 bilhão - 720 milhões
Mesoproterozóico	Esteniano	1,2 bilhões - 1,0 bilhão
	Calimiano	1,6 bilhões - 1,4 bilhões
Paleoproterozóica	Estateriano	1,8 bilhões - 1,6 bilhões
	Riaciano	2,3 bilhões - 2,05 bilhões
Arqueano	Neoarqueano	2,8 bilhões - 2,5 - bilhões



LEGENDA: UNIDADE GEOLÓGICA

Coberturas detrito-lateríticas ferruginosas	Formação Caboclo indiviso	Grupo Serra grande
Coberturas residuais	Formação Lagoa de Dentro	Litofácies Jussara, calcarenito oncolítico
Corpo Granitóide Serra da Pintada	Formação Longá, Grupo Canindé	Litofácies Jussara, calcarenito preto
Cristalândia do Piauí, ortogneisse e migmatito	Formação Mangabeira	Litofácies Morro do Chapéu – Fácies 1
Cristalândia do Piauí- ortogneisses	Formação Morro do Chapéu	Litofácies Morro do Chapéu – Fácies 2
Cristalândia do Piauí- paragneisse	Formação Ouricuri do Ouro	Litofácies Morro do Chapéu – Fácies 3
Depósitos aluvionares	Formação Piauí, Grupo Balsas	Litofácies Morro do Chapéu – Fácies 4
Depósitos aluvionares antigos	Formação Poti, Grupo Canindé	Litofácies Morro do Chapéu – Fácies 5
Formação Açuruá	Formação Sítio Novo	Soleiras e Diques de Brotas de Macaúbas e do Vale do Paramirim
Formação Bebedouro	Formação Tombador	Unidade Gabriel
Formação Caatinga	Grupo Areado	Unidade Irecê
Formação Cabeças, Grupo Canindé	Grupo Rio Preto	Unidade Nova América

Figura 4.3. Geologia na área do presente projeto. (Scientia)



LEGENDA: PERIODO

	Calimiano		Criogeniano		Esteniano		Riariano
	Carbonífero		Devoniano		Neoarqueano		Siluriano
	Cretáceo		Estateriano		Neogeno		Toniano

Figura 4.4. Cronologia das unidades geológicas na área do presente projeto. (Scientia)

Numa breve análise da litologia presente localmente, nota-se a existência de rochas adequadas à produção de artefatos de pedra tanto pela técnica do lascamento (sílex, arenito, quartzito e quartzo, por exemplo) quanto pela técnica do polimento (como gabro, granito, diorito e diabasio), assim como a presença de argila, para a confecção de artefatos de cerâmica.

Quando se analisa a geologia local, verifica-se que na área de estudo encontram-se algumas rochas de boa qualidade para a confecção de artefatos de pedra pela técnica do lascamento (Tixier; Inizan; Roche, 1980), a saber:

- Arenitos, Metarenitos e Metaquartzito-arenito nas Formações Cabeças, Caboclo, Lagoa Dentro, Longá, Mangabeira, Morro do Chapéu, Ouricuri do Ouro, Piauí, Poti e Tombador.

- Silexitos, na Formação Piauí;
- Quartzito, na Formação Sítio Novo;

e pela técnica de picoteamento/polimento, a saber:

- Rochas ígenas (quartzo monzonito, gabro, diabásio e diorito), na Litofácies Morro do Chapéu, no Corpo Granitóide Serra da Pintada, e nas Soleiras e Diques de Brotas de Macaúbas e do Vale do Paramirim;

No que concerne à matéria-prima para fabricação de vasilhas cerâmicas (argila), esta podia ser encontrada nas planícies e terraços fluviais do Rio São Francisco e afluentes.

4.3. GEOMORFOLOGIA E RELEVO

As unidades geomorfológicas e de relevo na área do empreendimento podem ser vistas na Figura 4.5 e Figura 4.6.

Observa-se que ao sul do empreendimento, onde ocorrem as unidades geomorfológicas Serras da Borda Ocidental da Diamantina, Chapadas de Irecê e Utinga e Planaltos da Chapada da Diamantina - Chapadas de Morro do Chapéu (Figura 4.5) predominam as formas de relevo chapadas, domínios montanhosos, de morros e serras baixas (Figura 4.6). Na região central do empreendimento, onde ocorre a Depressão do Rio São Francisco e Serra do Espinhaço Setentrional (Figura 4.5), há o predomínio das superfícies aplainadas conservadas, intercaladas por terraços fluviais, planície fluvial, domínio montanhoso (Figura 4.6). E na região mais a norte, próximo à divisa dos estados (Bahia e Piauí), onde ocorrem as unidades geomorfológicas Alinhamentos Serranos da Depressão Sertaneja e Depressão Sertaneja (Figura 4.5), predominam as superfícies aplainadas degradadas, intercaladas vales encaixados, baixos platôs, degraus estruturais e rebordos erosivos, e tabuleiros (Figura 4.6).

Os estudos preliminares de espeleologia na área da LT 500 KV Gilbués II - Ourolândia II⁴ apresenta uma primeira definição das classes de potencial de ocorrência de cavidades para a área de inserção das LTs em questão (Figura 4.7). Pode-se observar que as áreas de Muito Alto potencial de ocorrência de cavidades se concentram no estado da Bahia, e estão associadas às rochas da Formação Salitre.

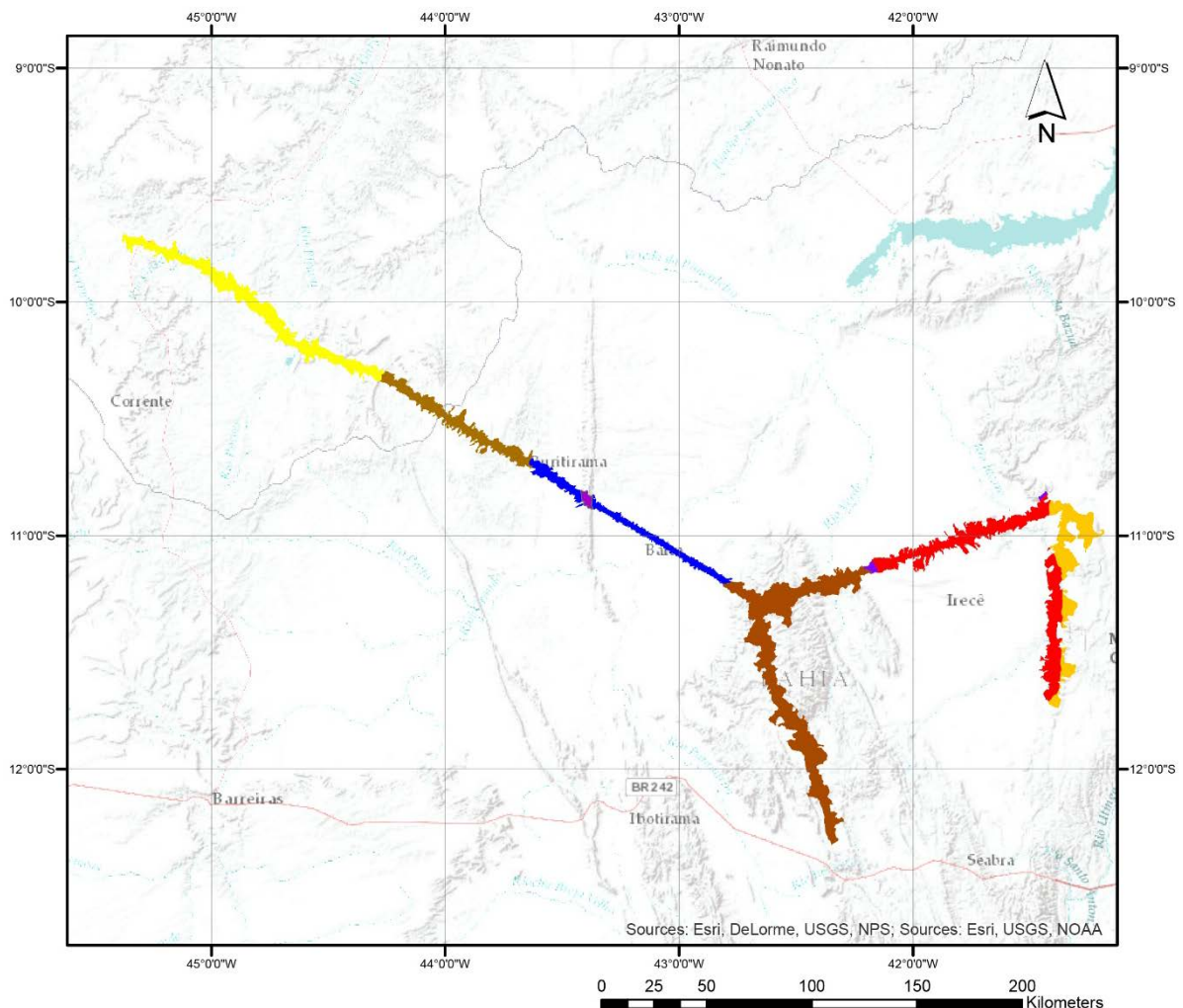
Quanto às formas de relevo, são propícias para o aproveitamento de grupos humanos com baixa tecnologia:

⁴ Estudos de Espeleologia realizados pela empresa de consultoria Ecology Brasil para o EIA dentro da área da LT 500 KV Gilbués II - Ourolândia II.

Para assentamentos de longa duração e maiores dimensões (sítios-habitação), os Terraços Fluviais do Rio São Francisco, os Morros e serras baixas, que ocorrem na porção leste do empreendimento, próximo ao Morro do Chapéu;

Para assentamentos a céu aberto sazonais de curta duração e pequenas dimensões (sítios-acampamento), as planícies fluviais, associadas ao Vale do Rio São Francisco e de seu afluente, Rio Preto, que podem ter comportado acampamentos de pesca;

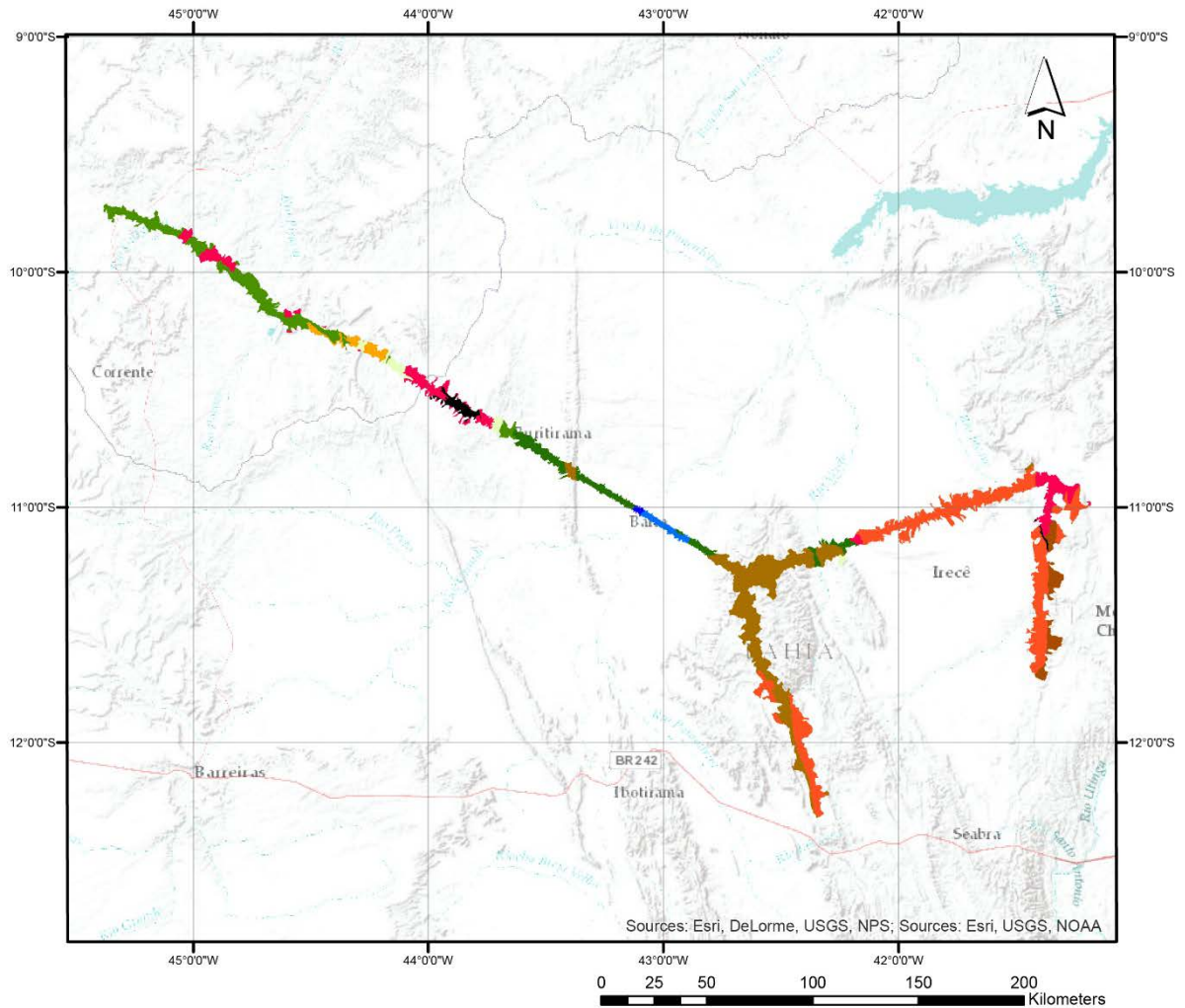
Para assentamentos em cavidades naturais as áreas montanhosas e chapadas que ocorrem na região do Morro do Chapéu, Brotas de Macaúba, Gentio do Ouro podem apresentar alto potencial arqueológico e paleontológico, sobretudo na região da Formação Salitre.



LEGENDA: GEOMORFOLÓGICA

- | | | | |
|---|--|---|--|
|  | Alinhamentos Serranos da Depressão Sertaneja |  | Depressão do Rio São Francisco |
|  | Baixadas dos Rios Jacaré/Salitre |  | Planaltos da Chapada da Diamantina - Chapadas de Morro do Chapéu |
|  | Chapadas de Irecê e Utinga |  | Serras da Borda Ocidental da Diamantina |
|  | Depressão Sertaneja |  | Serras do Espinhaço Setentrional |

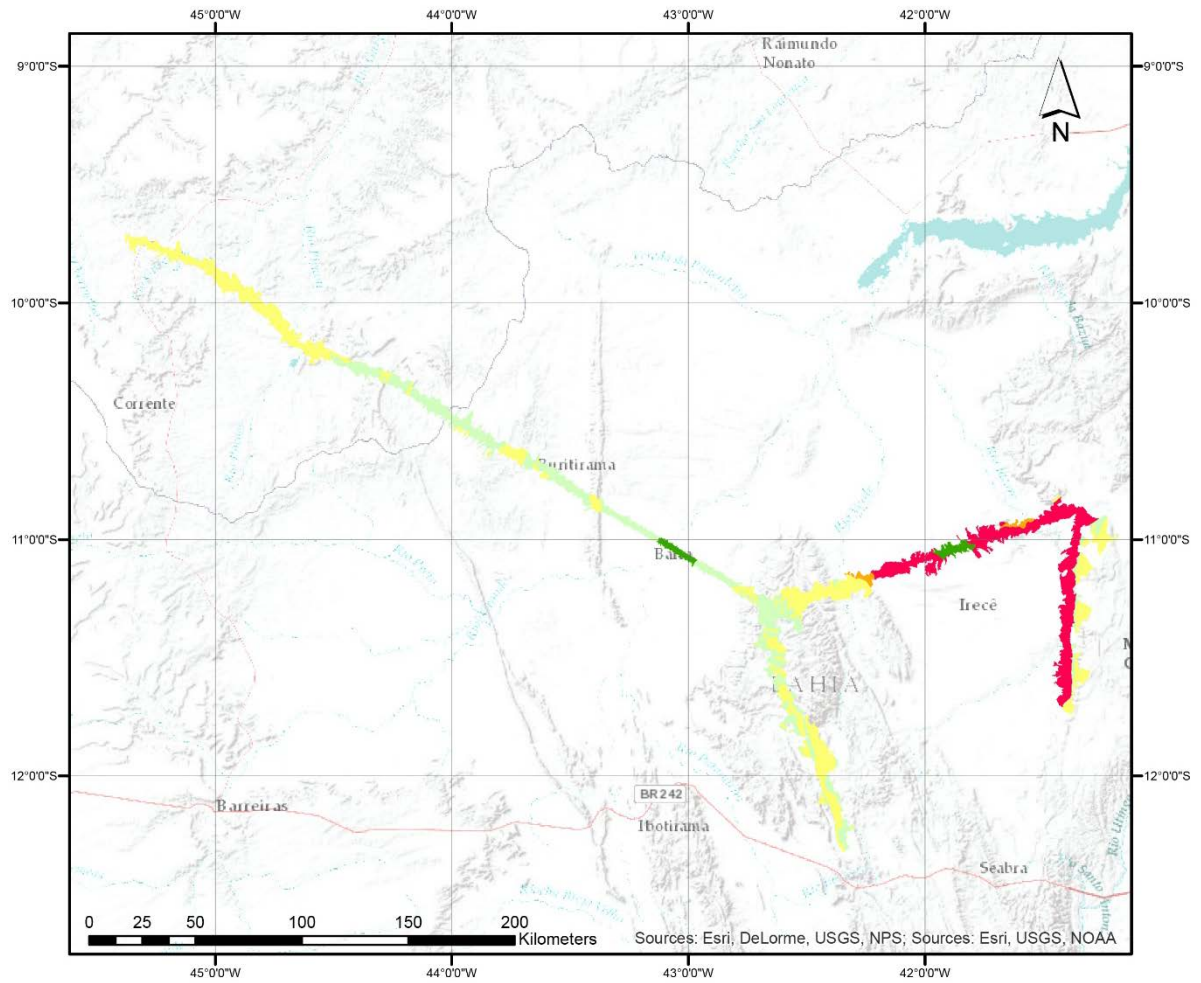
Figura 4.5. Unidades geomorfológicas na área do empreendimento. (Scientia)



LEGENDA: UNIDADE DE RELEVO

■ Baixos Platôs	■ Superfícies Aplainadas Conservadas
■ Chapadas	■ Superfícies Aplainadas Degradadas
■ Degraus Estruturais e Rebordos Erosivos	■ Tabuleiros
■ Domínio Montanhoso	■ Terraços Fluviais e Flúvio-Lacustres
■ Domínio de Morros e de Serras Baixas	■ Vales Encaixados
■ Planície Fluvial ou Flúvio-Lacustre	

Figura 4.6. Unidades de relevo na área do empreendimento. (Scientia)



LEGENDA: POTENCIAL DE OCORRÊNCIA DE CAVIDADES NATURAIS

- Muito alto
- Alto
- Médio
- Baixo
- Ocorrência improvável

Figura 4.7. Classes de Potencial de Ocorrência de Cavidades – Preliminar. (Scientia)

5. EQUIPE TÉCNICA

Responsável técnico: Dr. Renato Kipnis (CTF IBAMA: 1835248)

Dra. Solange B. Caldarelli (CTF IBAMA: 248948)

6. BIBLIOGRAFIA⁵

ANDRADE, B. A. A ocupação dos sertões no Séc. XVIII. O caso do oeste baiano. Florianópolis, Geosul, 28 (55): 77-102, 2013.

ANTONIL, A. J. **Cultura e Opulência do Brasil**. Belo Horizonte/Itatiaia, São Paulo/EDUSP, 1992.

BARRETO, A.M.F. **Interpretação paleoambiental do sistema de dunas fixadas do médio Rio São Francisco, Bahia**. São Paulo, Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo. 1996.

BARROS, F. Borges de. Rebelião dos Barbaros da Região Central da Bahia. In: **Annaes do Archivo Publico do Estado da Bahia, Salvador: Imprensa Official do Estado da Bahia**. ano 3, v. 4/5, 1919.

BRUNO, E. S. **História do Brasil - Geral e Regional - V. 3** – Bahia. São Paulo, Cultrix, 1971.

CALDARELLI, S. B. O Patrimônio Arqueológico na Avaliação Ambiental Integrada de Bacias Hidrográficas. In: **Anais do 1º Congresso Brasileiro de Avaliação de Impacto / 2ª conferência da REDE de Língua Portuguesa de Avaliação de Impactos**, São Paulo, 2012. Disponibilizado em: http://avaliacaodeimpacto.org.br/wp-content/uploads/2012/10/027_Arqueologia_AAI-de-BaciasHidrográficas_Texto.pdf

CONCEIÇÃO, H. S. **Pedro Barbosa Leal e a colonização do sertão da Bahia no século XVIII. XXVII Simpósio de Nacional de História**. Natal, ANPUH, 2013 (disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364664672_ARQUIVO_PedroBarbosaLealeacolonzacaodosertaodaBahia.pdf; acesso em setembro/2015).

COSTA, C. Sítios de Representação Rupestre da Bahia (1950-1990). **Revista Ohun**, 2 (2): 51-70, 2005.

CPRM **CPRM GEOBANK – Litoestratigrafia** <http://geobank.sa.cprm.gov.br/pls>, acesso em outubro/2015)

DANTAS, Beatriz G., SAMPAIO, José Augusto L. & CARVALHO, Maria Rosário G. de. Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico. In: Manuela Carneiro da Cunha (Org.) **História dos índios no Brasil**, 1992, pp. 431-456. São Paulo: Companhia das Letras, FAPESP e Secretaria Municipal de Cultura.

⁵ Inclui bibliografia consultada e referências bibliográficas.

ETCHEVARNE, C. A ocupação humana do Nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. **Revista USP**, 44: 111-141, 2000.

ETCHEVARNE, C. (Coord.) **Escrito na Pedra: Cor, Forma e Movimento nos Grafismos Rupestres da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2007.

ETCHEVARNE, C. Novas imagens sobre as particularidades das expressões gráficas rupestres da Tradição Nordeste em Morro do Chapéu, Bahia. **Fundamentos**, IX, 2010. Disponível em: http://www.fumdam.org.br/fundamentos_9/Artigo3%20IFRAO2009.pdf; acesso em agosto /2015).

ETCHEVARNE, C. Um legado de figuras e cores. **Revista de História.com.br**, 2014 (disponível em <http://revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/um-legado-de-figuras-e-cores>; acesso em agosto /2015).

ETCHEVARNE, C.; PIMENTEL, R. (Org.). **Patrimônio Arqueológico da Bahia. Série Estudos e Pesquisas**, 88. Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2011.

MELATTI, J. C. **Áreas Indígenas da América do Sul – Capítulo 30 - Nordeste**. In: <http://www.juliomelatti.pro.br/areas/30nordeste.pdf> (2015).

NIMUENDAJÚ, C. **Mapa Etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes (1944)**. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. Recife: UFPE, 3ª. ed., 1999.

OLIVEIRA, P.E. De; BEHLING, H.; LEDRU, M-P.; BARBERI, M.; BUSH, M.; SALGADO-LABOURIAU, M.L.; GARCIA, M.J.; MEDEANIC, S.; BARTH, O.M.; BARROS, M.A. De e SCHEEL-YBERT, R. Paelovegetação e Paleoclimas do Quaternário do Brasil. In: C.R.de G. Souza; K. Suguio; A.M. dos Santos Oliveira e P.E. De Oliveira (Editores). **Quaternário do Brasil**. 2005, pp. 52-74. Ribeirão Preto: Holos Editora.

OLIVEIRA, P.E. De; BARRETO, A.M.F. e SUGUIO, K. Late Pleistocene/Holocene climatic and vegetational history of the Brazilian caatinga: the fósfil dunes of the middle São Francisco River. **Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology**, v. 152, n3-4, p.319-227.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, UnB, 1992.

PUNTONI, P. **A Guerra dos Bárbaros. Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720**. São Paulo: Hucitec; EDUSP, 2000.

Relatório R 3 da LT 500 kV Gentio do Ouro II – Gilbués II e LT 230 kV Gentio do Ouro II – Brotas de Macaúbas: Caracterização e Análise Sócio-Ambiental. ATE XIV Transmissora de Energia / Powerconsult / PRESERVE Engenharia e Meio-Ambiente, abril de 2014 (1).

Relatório R 3 Reforço na Rede Básica LT 500 kV Gentio do Ouro II – Ourolândia, LT 500 kV Ourolândia – Morro do Chapéu, Trecho de 230 kV Ourolândia – Seccionamento LT Senhor do Bonfim – Irecê, SE Ourolândia e SE Gentio do Ouro II. ATE XIV Transmissora de Energia / Powerconsult / PRESERVE Engenharia e Meio-Ambiente, abril de 2014 (2).

SANTOS, M. A. R. **Bandeirantes paulistas no sertão do São Francisco: povoamento e expansão pecuária de 1688 a 1734**. São Paulo: EDUSP, 2009.

SANTOS, M. A. R. **Fronteiras do sertão baiano: 1640-1750**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2010.

SANTOS, S. N. A. dos. **Os Payayá e a ocupação colonizadora do Sertão das Jacobinas (1656-1706)**. Anais do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade. UNESB, Caetité, 2006. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/solon_natalicio.pdf (acesso em agosto /2015).

SANTOS, S. N. A. dos. **Os Payayá e suas relações de contato no Sertão das Jacobinas (1651-1706)**. Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. Mneme – Revista de Humanidades. UFRN, 9: 24, Set/out. 2008. Disponível em: www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais (acesso em agosto /2015).

SANTOS, S. N. A. dos. Políticas Indígenas nos aldeamentos da Vila de Santo Antonio de Jacobina (1803-1816). **Anais do III Encontro Estadual de História. Fortaleza**, 2013. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Trabalhos/ST36Solon.pdf> (acesso em agosto /2015).

TIXIER, J., M.-L. INIZAN e H. ROCHE **Terminologie et technologie (Préhistoire de la Pierre taillée : 1)**, Cercle de recherches et d'études préhistoriques, Antibes, 1980